



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROFESSOR ANTÔNIO GARCIA FILHO
DEPARTAMENTO DE MEDICINA DE LAGARTO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

JEAN DE JESUS DO CARMO

**CONHECIMENTO, ATITUDES E PRÁTICAS DE RISCO PARA
HEPATITES VIRAIS ENTRE GRADUANDOS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE**

Lagarto - SE
2024

Jean de Jesus do Carmo

Avaliação do conhecimento, atitudes e práticas de risco para hepatites virais entre graduandos da Universidade Federal de Sergipe

Projeto apresentado ao Departamento de Medicina da Universidade Federal de Sergipe como trabalho de conclusão de curso para aquisição do título de médico.

Orientadora: Profa. Dra. Priscila Lima dos Santos

Coorientador: Prof. Dr. Márcio Bezerra Santos

AGRADECIMENTOS

Sou grato primeiramente a Deus que me guiou e iluminou durante toda a minha vida e especialmente durante essa trajetória de formação profissional. Ele me forneceu força e ânimo para continuar a luta pelo sonho de ser médico nos momentos mais difíceis e desanimadores.

Agradeço imensamente aos meus pais Maria e Givaldo que sempre lutaram e se esforçaram além de suas forças e limites para que eu pudesse me tornar uma pessoa com caráter, instrução e com um bom futuro.

Devo também gratidão aos meus mestres, especialmente a minha orientadora Prof. Dra^o Priscila Lima dos Santos pela disponibilidade e dedicação extraordinária na construção desse trabalho. Aos demais mestres que foram meus professores ao longo deste curso e também aqueles que foram professores ao longo de toda minha formação escolar.

RESUMO

As hepatites virais continuam sendo um grave problema de saúde pública em âmbito nacional e em todo o mundo. Notou-se nos últimos anos uma melhora epidemiológica dos casos de hepatites virais no país. Dessa forma, nesse estudo, traz-se a sugestão que o aumento de número de universitários tenha influenciado nesse cenário e, por consequência, torna-se importante analisar a real interferência dessa população nesse contexto. Destarte, o objetivo desse estudo é avaliar os indicadores referentes ao conhecimento, às atitudes e às práticas de risco sobre hepatites virais entre graduandos da Universidade Federal de Sergipe-UFS. Foi utilizado o questionário Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas (PCAP), instrumento utilizado e padronizado pelo Ministério da Saúde para estudo da realidade das IST's no país. Foram abordadas questões para caracterização social, demográfica e de escolaridade dos sujeitos e para identificar o grau de conhecimento, as atitudes e as práticas relacionados às hepatites virais e às outras infecções sexualmente transmissíveis. O questionário foi aplicado de forma online, através da ferramenta do Google Docs. Após a aplicação e o preenchimento dos questionários investigativos, os dados coletados foram tabulados no Microsoft Excel (2016). A análise estatística se deu de forma descritiva, relacional e comparativa por meio do teste de qui-quadrado de igualdade (χ^2). Em relação aos resultados, foi evidenciado dados muito importantes como um percentual de 36.6 % de respostas afirmativas à transmissão de hepatites virais por uso de banheiros públicos ou de 40 % de estudantes da amostra total que não sabem ser possível se infectar por meio de compartilhamento de materiais para uso de drogas e números elevados de estudantes que declararam terem tido relações sexuais desprotegidas nos últimos 12 meses com parceiros fixos ou casuais. E, por último, uma diferença no nível de conhecimentos significativa entre estudantes das ciências da saúde e das outras áreas do conhecimento em todas as questões acerca das formas de transmissão das hepatites virais exceto em uma. Por conclusão, denota-se que há um importante déficit de conhecimento a respeito das formas de transmissão das hepatites virais e atitudes como exposição a situações de risco em níveis significativos no que diz respeito ao não uso sempre de preservativo em todas as relações sexuais e por último um menor risco para aquisição de hepatites virais aos estudantes da área da saúde pelo maior nível de conhecimento demonstrado por esses estudantes.

Palavras-chave: Infecções Sexualmente Transmissíveis; Hepatites Virais; Universitários; Atitudes e/ou práticas de risco.

SUMMARY

Viral hepatitis continues to be a serious public health problem nationally and around the world. In recent years, an epidemiological improvement in cases of viral hepatitis in the country has been noted. Therefore, in this study, the suggestion is made that the increase in the number of university students has influenced this scenario and, consequently, it becomes important to analyze the real interference of this population in this context. Therefore, the objective of this study is to evaluate indicators relating to knowledge, attitudes and risk practices regarding viral hepatitis among undergraduates at the Federal University of Sergipe-UFS. The Knowledge, Attitudes and Practices Survey (PCAP) questionnaire was used, an instrument used and standardized by the Ministry of Health to study the reality of STIs in the country. Questions were addressed to characterize the social, demographic and educational level of the subjects and to identify the level of knowledge, attitudes and practices related to viral hepatitis and other sexually transmitted infections. The questionnaire was administered online, using the Google Docs tool. After applying and completing the investigative questionnaires, the data collected were tabulated in Microsoft Excel (2016). Statistical analysis was performed in a descriptive, relational and comparative manner using the chi-square test of equality (χ^2). Regarding the results, very important data was highlighted, such as a percentage of 36.6% of affirmative responses to the transmission of viral hepatitis through the use of public bathrooms or 40% of students in the total sample who do not know that it is possible to become infected through sharing materials for drug use and high numbers of students who reported having had unprotected sex in the last 12 months with steady or casual partners. And, finally, a significant difference in the level of knowledge between students in health sciences and other areas of knowledge in all questions about the forms of transmission of viral hepatitis except one. In conclusion, it is noted that there is an important lack of knowledge regarding the forms of transmission of viral hepatitis and attitudes such as exposure to risk situations at significant levels with regard to not always using condoms in all sexual relations and for lastly, a lower risk of acquiring viral hepatitis for students in the health area due to the higher level of knowledge demonstrated by these students.

Keywords: Sexually Transmitted Infections; Viral Hepatitis; College students; Risk attitudes and/or practices.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
3. OBJETIVOS.....	12
4. MATERIAIS E MÉTODOS.....	13
5. RESULTADOS	15
5.1 Análise discricional da população participante do estudo.....	15
5.2 Análise descritiva acerca do conhecimento sobre hepatites virais.....	18
5.3 Estudo descritivo das atitudes e práticas sexuais de risco para aquisição de hepatites virais entre alunos dos cursos de graduação da UFS.....	23
5.4 Análises correlacionais entre fatores socioeconômicos, demográficos na vulnerabilidade à infecção pelas hepatites virais.....	26
5.5 Estudo comparativo do nível de conhecimento, atitudes e práticas sobre hepatites virais entre os estudantes das ciências da saúde e os estudantes dos demais campos do conhecimento.....	28
6. DISCUSSÕES.....	36
7. CONCLUSÕES.....	42
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICE.....	48
ANEXO I.....	50

1. INTRODUÇÃO

As hepatites que são transmitidas por práticas sexuais sem proteção (causadas pelos vírus HBV e HCV), são alvos importantes nas campanhas de prevenção do Ministério da Saúde do Brasil (SANTOS et al., 2017). Todavia, o cenário epidemiológico dessas hepatites ainda é preocupante com números significativos de novos casos e casos pré-existent de pacientes com esses vírus. Sobre o cenário epidemiológico das hepatites virais no Brasil observa-se que:

“De 2000 a 2021, foram notificados 718.651 casos confirmados de hepatites virais no Brasil. Destes, 168.175 (23,4%) são referentes aos casos de hepatite A, 264.640 (36,8%) aos de hepatite B, 279.872 (38,9%) aos de hepatite C e 4.259 (0,6%) aos de hepatite D. Em todos as notificações de casos representaram queda nos últimos anos. A hepatite A, por exemplo, apresentou redução de 95% entre 2011 e 2021. Entre 2011 e 2019, as taxas de detecção de hepatite B no Brasil apresentaram redução de 20,7%, passando de 8,5 para 6,7 casos para cada 100 mil habitantes, respectivamente. Em 2021, a taxa de detecção foi de 3,4 casos para cada 100 mil habitantes, a menor da série histórica.” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022) ”.

Houve um aumento do número de casos de hepatite C a partir de 2015, porém, é válido ressaltar que todos os casos reagentes para qualquer um dos marcadores anti-HCV e HCV-RNA passaram a ser notificados, o que tornou mais sensível o que por definição seria um caso de hepatite C. Dessa forma, o número de casos passou a se elevar a partir desse ano no país (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022)

No panorama geral houve importante queda das hepatites virais no Brasil, com uma diminuição importante na hepatite do tipo B, forma predominantemente transmissível por exposição sexual desprotegida. É pertinente lembrar que uma população significativamente vulnerável a aquisição dessa patologia são indivíduos jovens, faixa etária da maioria dos estudantes referência. Dessa forma, é possível sugerir que parte da redução da concentração de casos tenha ocorrido devido à queda nas taxas de transmissão nessa população jovem de universitários em crescendo no Brasil. Essa população em tese configura uma parcela da sociedade com maior nível instrucional a

respeito dessas doenças em especial sobre aquilo que perpassa o campo das formas que são transmitidas por via sexual.

Portanto, a hipótese desse estudo em questão é de que há um bom nível de conhecimento entre a população de estudantes jovens universitários a respeito das hepatites virais sobretudo sobre o tipo B. Ademais, espera-se o mesmo grau de desenvoltura em relação a suas atitudes e práticas diante dessas doenças. Além disso, é pressuposto que as mudanças socioeconômicas e demográficas dos últimos anos tenham proporcionado melhora na diminuição das taxas das hepatites virais. E finalmente, presume-se que a área do conhecimento no qual o estudante do ensino superior pertence interfere no seu grau de conhecimento assim como de comportamento frente às hepatites virais.

Visando identificar o painel de conhecimentos e práticas da população em relação às IST's, o Programa Nacional de DST e Aids (PN-DST/AIDS) do Ministério da Saúde, e da Fundação Oswaldo Cruz, com o auxílio do *Centers for Disease Control and Prevention (CDC)* dos Estados Unidos da América, desenvolveram a ferramenta Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Brasileira (PCAP nacional). Este foi aplicado em âmbito nacional pela primeira vez em 2004 dirigido com o objetivo principal de compreender o desempenho dos programas de combate à AIDS naquela época. Desde então tem sido amplamente utilizado para o estudo sobre IST's de uma forma geral em âmbito nacional, regional e municipal.

Dessa forma, dadas as hipóteses citadas anteriormente e ainda diante de um cenário de poucos dados disponíveis acerca do cenário epidemiológico nacional das IST entre estudantes do ensino superior, faz-se necessário estudos que venham a contribuir para a construção de uma base literária deste contexto. Nesse ínterim, é pertinente lembrar também da consonância desse estudo em questão com dados da população geral tendo em vista a execução desse por meio do questionário PCAP, ferramenta padronizada e que vem sendo utilizada no país.

É válido lembrar que para diminuição do número de casos de hepatites virais é necessário elevar o grau de conhecimento e a maneira como o jovem se posiciona a respeito dessas questões. Assim, o objetivo desse trabalho é avaliar os indicadores

referentes ao conhecimento, às atitudes e às práticas de risco sobre hepatites virais entre graduandos da Universidade Federal de Sergipe-UFS.

E, por tanto, a justificativa para a realização desse trabalho é que os dados nele gerados possibilitarão ter-se juízo do panorama geral sobre tais questões entre esses indivíduos. Propiciando em último fim fundamento à elaboração de políticas públicas, medidas de prevenção e controle para o enfrentamento dessas infecções e como incentivo a criação de outros trabalhos dessa natureza.

2. REFERENCIAL TERÓRICO:

As hepatites virais são doenças causadas por múltiplos agentes etiológicos que apresentam tropismo por células hepáticas. São doenças que cursam com quadro clínico e laboratorial muito semelhantes, no entanto, com apresentações epidemiológicas muito diversas e estão divididas em cinco grupos (A, B, C, D e E) conforme a espécie do vírus (FERREIRA; SILVEIRA, 2004).

A hepatite A causada pelo vírus A (VHA), tem como forma de transmissão a via fecal-oral, pelo contato direto entre as pessoas ou pela ingestão de água ou alimentos contaminados pelo vírus, dessa forma, tem maior prevalência em populações que vivem em situação de pobreza e expostos a ruins condições de saneamento básico. A infecção costuma ser assintomática em boa parte dos casos, porém, quando presentes os sintomas mais comuns são náuseas, vômitos, febre, dor abdominal, colúria e acolia fecal. Já a hepatite B tem como agente etiológico o vírus B e é considerada uma infecção sexualmente transmissível. O vírus é encontrado no sangue, no esperma e ainda no leite materno. Seus sintomas são de natureza idêntica aos apresentados na hepatite A, no entanto, apresentam-se de forma mais tardia, geralmente 6 meses após a infecção. A hepatite C é causada pelo vírus C que também está presente no sangue assim como o vírus B, portanto, também é transmitido ao se compartilhar materiais para uso de drogas (agulhas e seringas, por exemplo), higiene pessoal (lâminas de barbear e depilar, escovas de dente, alicates de unha ou outros objetos que furam ou cortam) ou para confecção de tatuagens e colocação de *piercing* ou ainda de mãe para o filho durante gestação e parto ou por realização de atividade sexual desprotegida com portador do vírus. Quanto aos sintomas da hepatite C, não surgem de forma aguda, na maioria dos casos, quando presentes são os mesmos das hepatites citadas anteriormente e na maior parte dos casos a infecção se cronifica. A hepatite D, por sua vez, causada pelo vírus D, depende da presença do vírus B para conseguir infectar um indivíduo, também é uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST) e tem as mesmas formas de transmissão das hepatites B e C. Finalmente, a hepatite E causada pelo vírus E, raramente encontrada no Brasil, tem como forma de transmissão a mesma do tipo A. (UNASUS, 2014).

As hepatites virais, especialmente aquelas que são transmitidas por práticas sexuais sem proteção (HBV e HCV), são alvos importantes nas campanhas de prevenção do

Ministério da Saúde. Dados da OSM estimam que mais de 1 bilhão de pessoas ao redor do mundo já tiveram algum contato com o HVB e que cerca de 360 milhões de indivíduos permanecem como portadores crônicos da doença. Em relação ao HCV, a OMS estima que aproximadamente 170 milhões de pessoas podem estar infectadas por este vírus (SANTOS et al., 2017).

Inquéritos populacionais envolvendo questões sobre conhecimento e práticas em relação ao HIV/aids, hepatites virais e outras IST são importantes instrumentos de saúde pública para prevenção primária, secundária e controle destas doenças (SÃO PAULO, 2014). Considera-se, portanto, de grande relevância investigar o conhecimento, as atitudes e práticas de risco entre alunos da Universidade Federal de Sergipe. Mais que isso, os resultados desses inquéritos são de grande valor para subsidiar a formulação de políticas públicas para o enfrentamento dessas infecções.

3. OBJETIVOS

2.1 Geral

Avaliar os indicadores referentes ao conhecimento, às atitudes e às práticas de risco sobre hepatites virais entre graduandos da Universidade Federal de Sergipe-UFS.

2.2 Específicos

- Analisar o conhecimento dos alunos acerca das hepatites virais entre alunos dos cursos de graduação da UFS;
- Identificar as atitudes e práticas de risco sobre hepatites virais entre alunos dos cursos de graduação da UFS;
- Investigar a influência de fatores socioeconômicos e demográficos na vulnerabilidade à infecção pelas hepatites virais;
- Comparar o nível de conhecimento, as atitudes e práticas de risco sobre hepatites virais entre as áreas dos cursos de graduação da UFS.

4. MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo faz parte de um projeto maior intitulado “Conhecimento, atitudes e práticas de risco para HIV/AIDS, hepatites virais e outras IST’s entre graduandos da Universidade Federal de Sergipe”, já aprovado em Comitê de Ética em Pesquisa da UFS sob parecer n ° 4576444. A coleta de dados iniciou em 09 de fevereiro de 2021 e finalizou em 30 de novembro de 2021. Foi feito, portanto, um recorte desse estudo somente acerca das hepatites virais, no qual foi feito uma análise distinta do projeto de origem.

O tipo de pesquisa foi epidemiológica de cunho estritamente observacional, uma vez que não houve interferência por parte dos pesquisadores sobre a população em estudo. Foi desenvolvido uma abordagem analítica dos dados de forma quantitativa e qualitativa, de modo a estabelecer relações de causa e efeito entre os parâmetros analisados.

Participaram da pesquisa todos os estudantes da Universidade Federal de Sergipe pertencentes aos cursos de ensino superior alocados em qualquer um dos seis campus da instituição distribuídos pelo estado de Sergipe. Os campus são: Campus de São Cristóvão, Campus de Aracaju, Campus de Laranjeiras, Campus de Lagarto, Campus de Itabaiana e Campus de Nossa Senhora da Glória.

Como instrumento de pesquisa foi utilizado questionário PCAP, o mesmo aplicado para estudo sobre IST’s na população brasileira. Neste instrumento foram coletadas informações agrupadas em blocos de questões com vista a atingir os distintos objetivos a que se propunha esta pesquisa. Dessa forma, o questionário teve um campo de abordagem específico para questões voltadas à definição do perfil social da população estudada, assim como também demográfico e nível de escolaridade e um outro com questões específicas voltadas ao objetivo de compreender o nível de conhecimento, atitudes e práticas relacionadas a todas as IST’s de maneira geral (ANEXO I)

Diante do contexto de pandemia da COVID-19 que exigiu distanciamento social, a organização dos pesquisadores necessitou de mudança e adaptação a essa realidade. Dado isso, foi adotada a ferramenta Google Docs para a aplicação do formulário. Essa ferramenta tem se tornado eficaz devido seu rápido alcance bem como por sua facilidade

para documentação dos dados. Tal ferramenta possibilita mudanças na forma de gerenciamento e obtenção de dados por ser online e trazer consigo um apanhado de ferramentas que possibilitam diferentes métodos de análise pelo pesquisador. (SILVA; LÓS; LÓS, 2011).

Foram remetidos os formulários Google Docs (link de acesso ao formulário: <https://docs.google.com/forms/d/1pCJ-GU2SQ9140V-XSvPGT7vfMWEIJt6GRxMeIPv20/edit>) para o grupo alvo mediante divulgação nas redes sociais, pelo portal do aluno Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas da instituição UFS e e-mails.

Os dados já previamente coletados foram armazenados em uma planilha na ferramenta Microsoft Excel e foram estruturados para análise conforme suas aplicações aos objetivos do presente estudo.

Para se atingir o primeiro objetivo foi realizada uma análise de cunho estritamente descritiva sobre as respostas às questões (perguntas de número 21 a 30 do questionário) que avaliam o nível de conhecimento dos estudantes exclusivamente sobre as hepatites virais. O segundo objetivo foi atingido mediante os mesmos métodos adotados no objetivo anterior levando em conta as questões que avaliam as atitudes e práticas dos estudantes com as hepatites virais (perguntas de número 51, 56-59, 63-65, 67, 69-71, 74,75, 80).

Os dois últimos objetivos receberam um tratamento estatístico do tipo comparativo, no qual foi feita uma correlação entre as variáveis sócio demográficas (obtidas pelas perguntas de número 1 a 12 do questionário) e as variáveis que avaliam o conhecimento, as atitudes e as práticas dos estudantes universitários frente às hepatites virais. O quarto e último objetivo trouxe uma correlação entre a informação de qual área de conhecimento pertence o participante e sua resposta às perguntas que avaliam o conhecimento, as atitudes e as práticas com as hepatites virais. Foi realizada uma análise descritiva dos dados e quando foi executada a comparação entre os grupos e variáveis foi utilizado o teste de qui-quadrado de igualdade (χ^2). Os resultados foram considerados estatisticamente significativos quando o valor de $p < 0,05$ foi obtido. Ademais, inicialmente foi realizada uma apresentação de resultados sem julgamento de erro ou acerto a respeito das respostas que avaliam o conhecimento, as atitudes e as práticas.

5. RESULTADOS:

5.1 Análise discricional da população participante do estudo:

No ano de 2021 a Universidade Federal de Sergipe possuía 25.545 alunos matriculados oficialmente nos seus cursos de graduação presencial. Dessa população total um número absoluto de 711 (setecentos e onze) estudantes participaram do estudo, dos quais 434 (61,1%) se declararam como gênero feminino, enquanto 268 (37,7%) do gênero masculino e quatro participantes não preencheram a informação. Do restante que ficaram compreendidos como “outros”, total de 5 participantes, se autodefiniram como gênero fluido (01), não binário (02), a-gênero (01) e pós-binário (01) (**Tabela 1**).

As idades variaram entre 18 e 65 anos, com média de 24,9 e mediana de 22 anos. As faixas etárias predominantes dos estudantes universitários que participaram da pesquisa foram de 21 a 25 anos (48,5%) e de 18 a 20 anos (23,9%) (**Tabela 1**).

Tabela 1. Características psicossociais e biológicas dos estudantes dos cursos de graduação da Universidade Federal de Sergipe.

Variáveis	N	%
Gênero		
Feminino	434	61,4
Masculino	268	37,9
Outros	5	0,7
Não informado	4	0,6
Faixa etária		
18-21	287	40,36
21 ≤ 45	399	56,11
45 ≤ 60	21	2,95
>60	4	0,56
Orientação Sexual		
Heterossexual	509	71,9
Homossexual	90	12,7
Bissexual	98	13,8
Outro	11	1,6
Cor/Raça		
Parda	382	53,9
Branca	175	24,7
Preta	114	16,1
Outras	38	5,3
Naturalidade		
Sergipe	579	81,5
Outros	131	18,5

Estado Civil		
Nunca foi casado (a) nem viveu com companheiro – solteiro (a)	504	71,2
Casado (a) ou vive com companheiro (a)	159	22,5
Já viveu com companheiro, separado ou viúvo	45	6,7

No que diz respeito à orientação sexual, a maior parte dos participantes se declarou heterossexual (71,9%), o restante se divide entre homossexuais (12,7%) e bissexuais (13,8%) com percentuais e números absolutos bastantes símiles e uma pequena parcela (1,6%) integra outros tipos de orientação sexual. A cor/raça predominantemente referida pelos participantes foi a parda (53.9%), seguida da branca (24.7%) e da preta (16.1%) (**Tabela 1**).

O Estado civil é outra informação importante sobre a população do estudo. Como esperado a maior parte (71,2%) é solteiro (a), 22,5% possuem relacionamento estável com companheiro (a) e 6,7% é viúvo, separado ou já viveu com companheiro. Pouco mais de 40% possuem entre 18 e 21 anos de idade e 56,11% têm entre 21 e 45 anos de idade, percentuais que traduzem uma população total predominantemente de adultos jovens e adultos. Quanto à unidade federativa de origem, a maior parte (81,5%) é do estado de Sergipe (**Tabela 1**).

No que tange à escolaridade, apesar de 25,7% apresentarem ensino superior, parcela maior de 31,6% referiu escolaridade até a 7ª série do ensino fundamental, incluindo 3,7% relatados como não alfabetizados. No que diz respeito à renda mensal, a renda de 1 a 3 salários-mínimos foi evidentemente a mais predominante (44%). O acesso à Internet foi referido com unanimidade quase total como domiciliar (93,1%) (**Tabela 02**).

Tabela 2. Informações sobre escolaridade e renda familiar dos estudantes dos cursos de graduação da Universidade Federal de Sergipe que participaram da pesquisa

Variáveis	N	%
Maior escolaridade do (a) chefe da família		
Não alfabetizado	26	3,7
1ª a 3ª série do ensino	68	9,6

Fundamental		
4ª a 7ª série do ensino Fundamental	130	18,3
Ensino fundamental completo	35	4,9
1ª ou 2ª série do ensino médio	31	4,4
Ensino médio completo	164	23,1
Superior incompleto	72	10,1
Superior completo	183	25,7
Sem informação	2	0,3
Renda mensal (em salário-mínimo)		
< 1 salário mínimo	234	31,5
1 a 3 salários	313	44
3 a 5 salários	79	11,1
>5 salários	89	12,5
Sem informação	6	0,8
Sem informação	2	0,3
Acesso à internet	662	93,1
Sim, em casa	45	6,3
Sim, no celular	2	0,3
Sim, no trabalho	2	0,3
Sem informação	2	0,3

Outra variável epidemiológica a ser levada em consideração é a área de graduação/campo do conhecimento do curso do participante. O resultado mostra uma distribuição equilibrada entre tais áreas, no qual 34,72% são das Ciências da Saúde e Biológicas, 29,69% são das Ciências Exatas e Agrárias e 35,58% são das Ciências Humanas e Sociais. Quanto ao instante do curso, encontravam-se no primeiro e segundo ciclo do curso 41,4% e do terceiro ciclo até o último ciclo 58,6 %. **(Tabela 03)**

Tabela 3. Distribuição das variáveis acadêmicas dos estudantes de graduação que participaram da pesquisa.

Variáveis		
Área da graduação		
Ciências da Saúde e Biológicas	242	34,72
Ciências Exatas e Agrárias	207	29,69
Ciências Humanas e Sociais	248	35,58
Campus da UFS		
Aracaju e São Cristóvão	454	64,9
Lagarto	95	13,6
Itabaiana	119	17
Nossa Senhora da Glória	31	4,4
Ciclo ou Ano do Curso		
1º e 2º	292	41,4

3º ao 6º	414	58,6
Naturalidade		
Sergipe	579	81,5
Outros	131	18,5

5.2 Resultados acerca do conhecimento sobre Hepatites Virais:

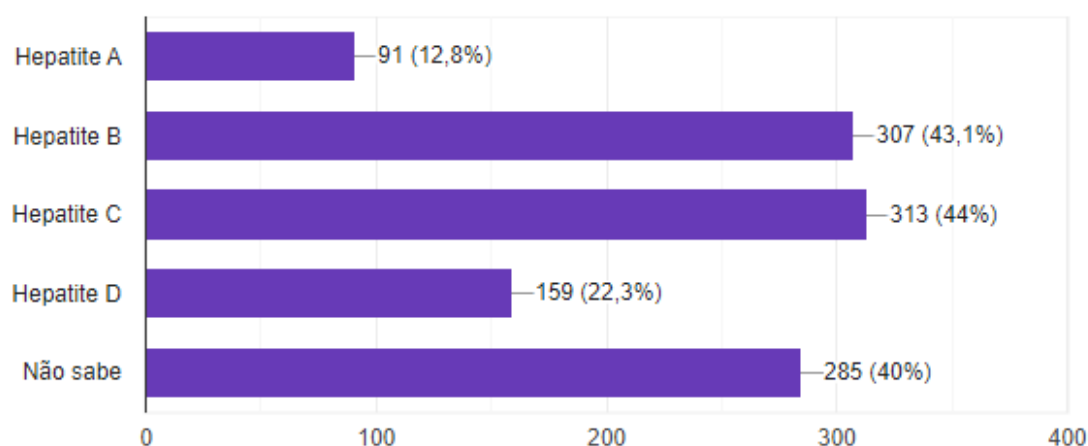
Nesse campo serão expostos os números percentuais da divisão de respostas dos estudantes universitários às perguntas que avaliam o conhecimento desses acerca das hepatites virais.

A maioria das questões abordam sobre as formas de transmissão. Além disso, as perguntas utilizadas para medir o conhecimento dos participantes são de complexidade variável, se apresentam desde questões em que o conhecimento é mais difundido na população geral a pontos mais específicos do conhecimento que teoricamente são mais acessíveis apenas a pessoas com um nível de escolaridade maior.

Uma das perguntas que pode ser entendida como de domínio geral de pessoas com um nível instrucional médio a superior é sobre a possibilidade ou não de transmissão das hepatites virais ao se usar banheiros públicos. Nessa questão houve um percentual de 36.6% de respostas afirmativas a esse modo de transmissão para as hepatites virais.

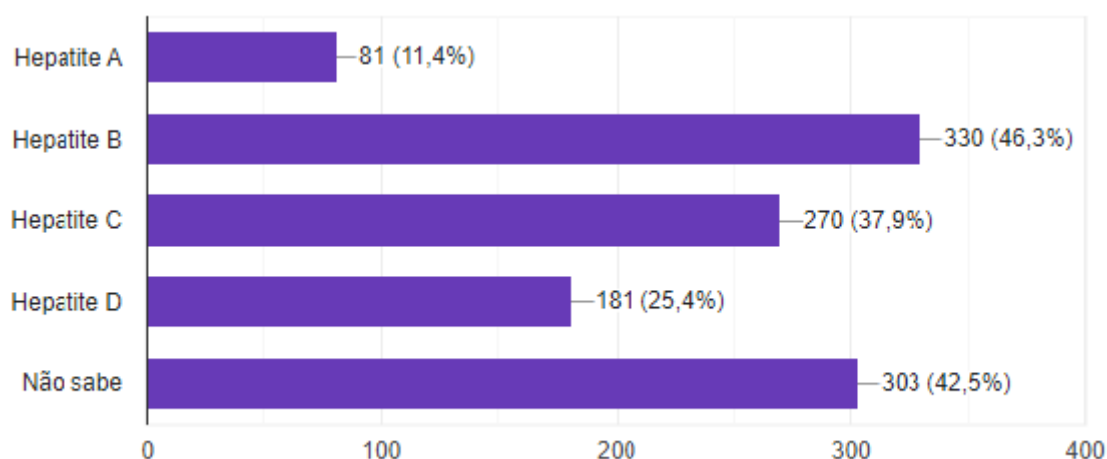
Já quando questionados sobre a possibilidade de transmissão com o compartilhamento de material para uso de drogas (seringa, agulha, cachimbo, latinha, canudo) pouco mais de 40% respondeu positivamente a esse modo de transmissão para hepatite B e C, por outro lado, aproximadamente 40% disseram não saber ser possível se infectar por uma ou mais das hepatites virais dessa forma. **(Figura 01)**

Figura 1. Números de estudantes de graduação da UFS que acreditam que uma pessoa pode contrair Hepatite ao compartilhar com outras pessoas instrumentos para o uso de drogas, tais como seringa, agulha, cachimbo, latinha e canudo, conforme o tipo dessa doença.



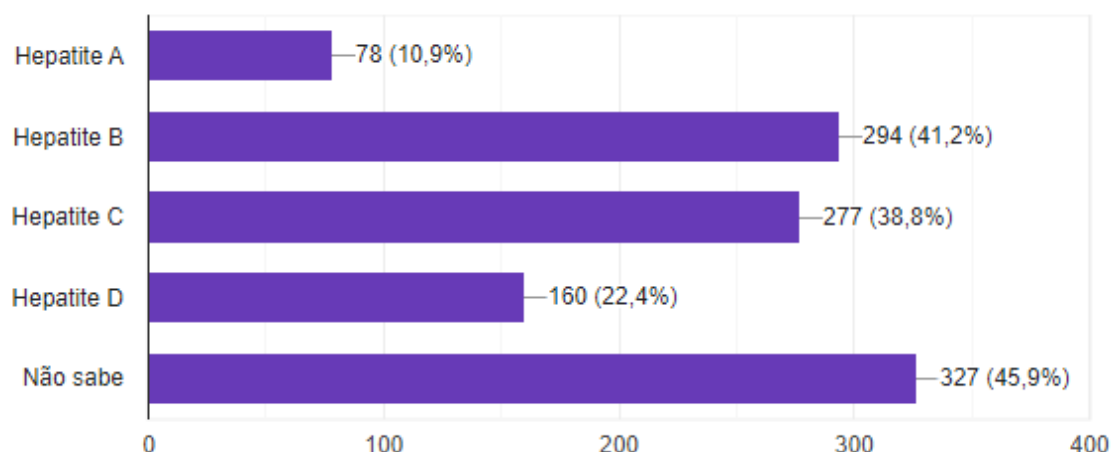
Outro dado de bastante relevância é que 42,5 % responderam não saber se é possível se infectar com alguma das hepatites virais ao não se utilizar preservativos no momento da prática sexual. **(Figura 02)**

Figura 02. Número de estudantes que acreditam que uma pessoa pode ser infectada por hepatite quando não se usa preservativos em relações sexuais, conforme o tipo dessa doença.



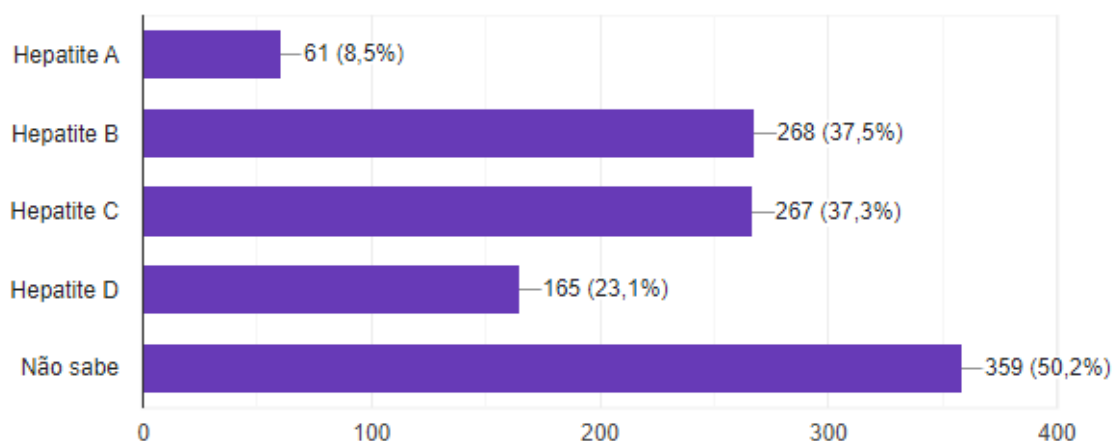
Já no compartilhamento de materiais de manicure/pedicure, 45,9% não sabem se é possível a transmissão da Hepatite. **(Figura 03)**

Figura 03. Número de estudantes que acreditam ser possível contrair hepatite compartilhando os instrumentos de manicure/pedicure (alicate de unha, lixa, espátula, etc.), conforme o tipo dessa doença.



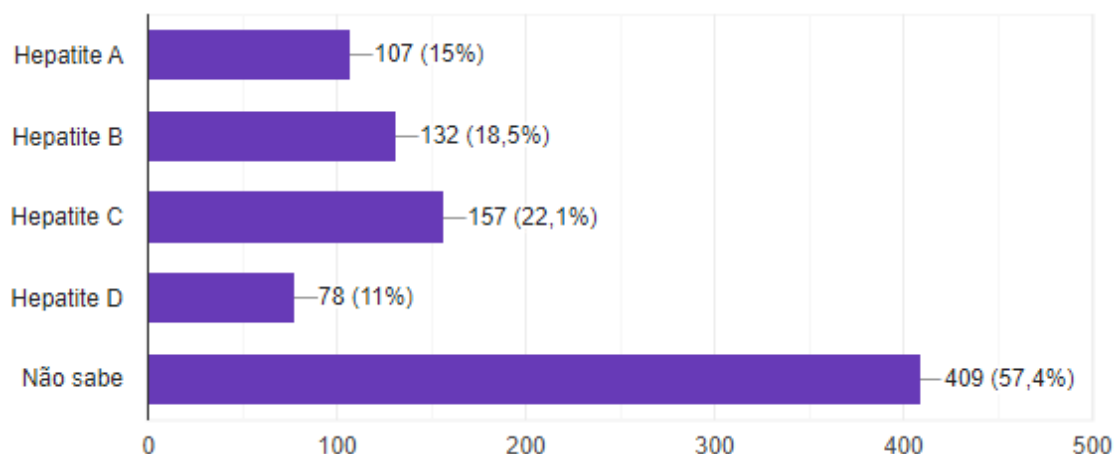
O entendimento da transmissão de doenças fazendo tatuagem ou colocando *piercing* também traz números semelhantes a via de transmissão anterior, em relação à Hepatite (73,5%) (**Figura 04**)

Figura 04. Números absolutos e relativos de estudantes da graduação da UFS que acreditam ser possível contrair hepatite fazendo tatuagem ou colocando *piercing*, conforme o tipo dessa doença.



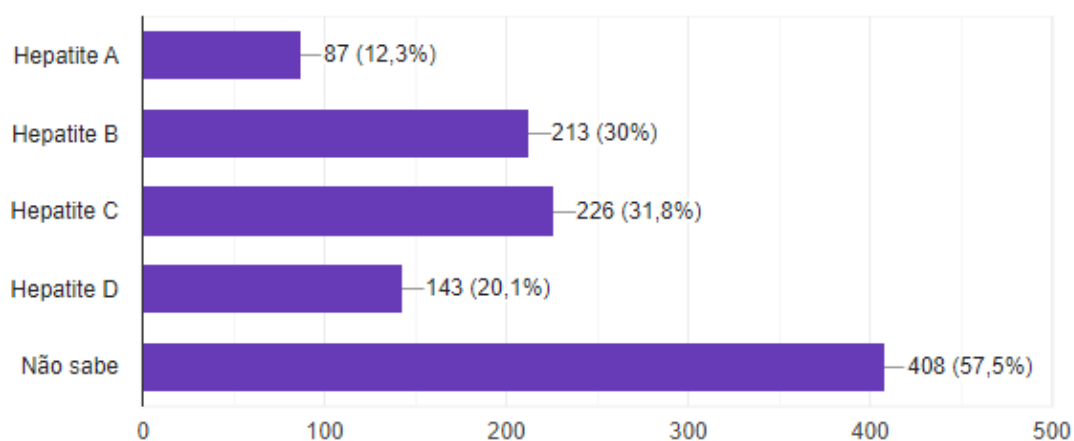
Um número significativo de 408 (57,5%) indivíduos responderam que não sabem se alguma(s) da(s) Hepatites Virais pode(m) ser(em) transmitida(s) compartilhando escova de dentes. Outras parcelas representativas de 14,8%, 18,6%, 22,1% e 11% entendem que uma pessoa pode ser infectada pela Hepatite A, B, C ou D, respectivamente, desse modo. (**Figura 05**)

Figura 05. Números absolutos e relativos de estudantes de graduação da UFS que acreditam que uma pessoa pode ser infectada pelo vírus da hepatite compartilhando escova de dente, conforme o tipo dessa doença.



Mais da metade dos participantes da amostra também afirmaram não saber se alguma(s) da(s) Hepatites Virais pode(m) ser(em) transmitida(s) fazendo tratamento dentário, endoscopia ou hemodiálise, o mesmo também acontece em relação fazer tatuagem e colocar piercing. **(Figura 06)**

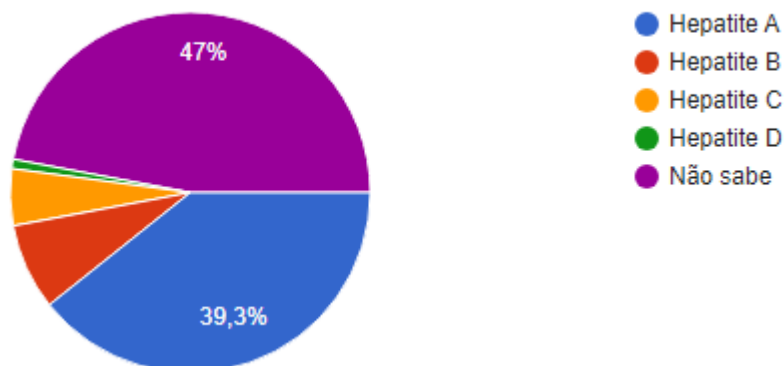
Figura 6. Número de estudantes que acreditam ser possível contrair hepatite fazendo tratamento dentário, endoscopia ou hemodiálise, conforme o tipo dessa doença.



Quando avaliado sobre conhecimentos mais específicos como qual dos tipos de hepatites virais é transmitida por meio de alimentos ou água contaminada quase metade da amostra populacional afirmou não saber. Por outro lado, daqueles que disseram saber

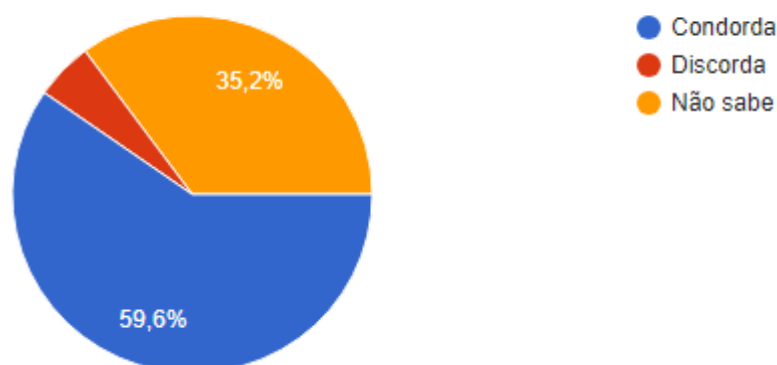
parcela significativa (39,2%) escolheu a Hepatite A como o tipo transmitido dessa forma. **(Figura 07)**

Figura 07. Distribuição dos percentuais de respostas de estudantes da graduação da UFS sobre qual hepatite viral pode ser transmitida por meio de alimentos ou de água contaminada.



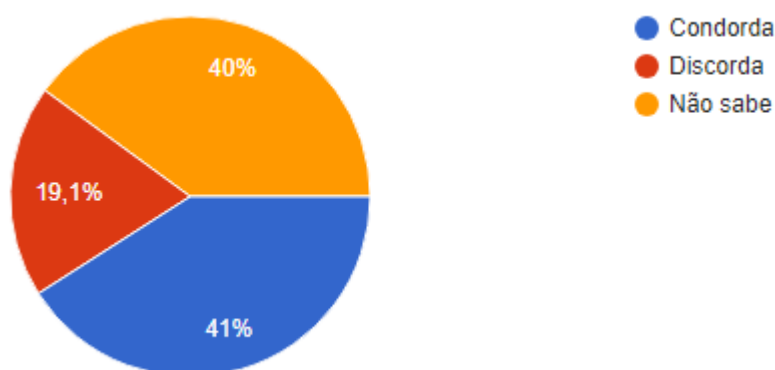
Observa-se também que é bastante significativa a parcela (35,3%) daqueles que disseram não saber se é possível se infectar com hepatites do tipo B, C ou D ao se compartilhar objetos como lâminas de barbear ou de depilar. E um pequeno percentual de 5,2 % discorda com a possibilidade dessa forma de transmissão. **(Figura 08)**

Figura 08. Distribuição percentual dos estudantes da graduação da UFS que concordam, discordam ou não sabem se é possível uma pessoa ser infectada pelo vírus da hepatite B, C ou D por compartilhar lâminas de barbear ou de depilar.



Uma outra variável questionava quanto a possibilidade de transmissão das hepatites B, C ou D ao se realizar qualquer tipo de cirurgia, no qual 41 % concordou que sim, 40 % disse não saber e 19% discordou. **(Figura 09)**

Figura 09. Distribuição percentual dos estudantes da graduação da UFS que concordam, discordam ou não sabem ser possível uma pessoa ser infectada pelo vírus da hepatite B, C ou D ao realizar qualquer cirurgia.



5.3 Estudo descritivo das atitudes e práticas sexuais de risco para aquisição de hepatites virais entre alunos dos cursos de graduação da UFS:

Segundo Lima et. al. (2020 apud FUNESA; 2023) existem outros fatores importantes além do baixo nível de conhecimento que reverberam no aumento do risco de aquisição de IST's, de maneira geral, como o uso não habitual do preservativo em todas as relações sexuais, a prática com múltiplas parcerias sexuais e o consumo de drogas lícitas ou ilícitas.

Nessa pesquisa 296 indivíduos (58,5%) fizeram uso da camisinha na primeira relação sexual. Deste total o sexo feminino (59,5%), já o sexo masculino, 109 (57,1%) e 3 pessoas de outro gênero (50%) também disseram terem feito o uso do preservativo na primeira relação. **(Tabela 04)**

Quase 70 % dos participantes afirmaram que já tiveram mais de um parceiro sexual ao longo da vida, dos quais o gênero com maior peso de concordância com essa afirmativa foi o masculino 162 (84,4% desse gênero), seguido dos indivíduos de outros gêneros 5 (83,3%) e do sexo feminino 182 (60,2%). **(Tabela 04)**

Quando questionados sobre relações sexuais com mais de um parceiro sexual nos últimos 12 meses, no qual 54 (17,5%) foram afirmados por pessoas do sexo feminino, 97 (50,8%) representa afirmativas do sexo masculino e pessoas de outro gênero representa 3 (50,0%) dos que afirmaram ter relações com mais de um parceiro. **(Tabela 04)**

Tabela 04 – Respostas dos indivíduos sobre suas práticas sexuais, por gênero.

Responderam afirmativamente	Feminino (n= 309)		Masculino (n=191)		Outros (n=6)		Total (n=506)	
	n	%	N	%	N	%	N	%
Usou camisinha na sua primeira relação sexual?	184	59,5	109	57,1	3	50	296	58,5
Teve mais do que um parceiro sexual em toda sua vida?	186	60,2	162	84,8	5	83,3	353	69,8
Teve mais do que 10 parceiros sexuais em toda sua vida?	49	15,9	92	48,2	4	66,7	145	28,7
Teve relação sexual com pessoa do mesmo sexo que o seu alguma vez na vida?	52	16,8	109	57,1	4	66,7	195	38,5
Atualmente, tem relações sexuais com homens e com mulheres?	43	13,9	40	20,9	2	33,3	85	16,8
Teve relações sexuais com mais de um parceiro sexual nos últimos 12 meses?	54	17,5	97	50,8	3	50	154	30,4

Na tabela seguinte há dados sobre os tipos de parceria sexual e o uso de preservativo 421 (83,2%) disseram ter relação com parceiros fixos nos últimos 12 meses, destes 277 (89,6%) representam o sexo feminino, 139 (72,8%) representam o sexo masculino e

pessoas de outro gênero 5 (83,3%) confirmaram relação sexual com parceiros fixos. **(Tabela 05)**

Um número de 255 (60,6%) disseram fazer uso da camisinha com parceiros fixos, dos quais 158 (57%) eram do sexo feminino, 96 (69,1%) do sexo masculino e 1 (20%) eram pessoas do outro gênero. Já com relação ao uso do preservativo em todas as relações sexuais um total de 124 (29,5%) referiu que usava sempre. Desse total, 74 (26,7%) eram do sexo feminino e 50 (36,0%) das afirmativas do sexo masculino. **(Tabela 05)**

Tabela 05 - Tipo de parceria sexual e uso de preservativo entre com relato de, pelo menos, uma relação sexual nos últimos 12 meses, por gênero.

Responderam afirmativamente	Feminino (n= 309)		Masculino (n=191)		Outros (n=6)		Total (n=506)	
	n	%	N	%	n	%	n	%
Teve relação sexual com parceiros (as) fixos (as) nos últimos 12 meses? (506)	277	89,6	139	72,8	5	83,3	421	83,2
Usou camisinha com parceiros (as) fixos (as)? (421)	158	57	96	69,1	1	20	255	60,6
Usou camisinha sempre? (421)	74	26,6	50	36	0	0	124	29,5
Teve relação sexual com parceiros (as) casuais (as) nos últimos 12 meses? (506)	91	29,4	112	58,6	3	50	206	40,7
Teve mais do que cinco parceiros (as) sexuais casuais nos últimos 12 meses? (206)	14	15,4	47	42	1	33,3	62	30,1

Usou camisinha com parceiros (as) casuais? (206)	37	40,7	64	57,1	0	0	101	49
Teve relação sexual com pessoas que conheceu pela internet? (506)	75	24,3	122	63,9	3	50	200	39,5
Usou camisinha na última relação com parceiros (as) que conheceu pela internet? (200)	62	82,7	101	82,8	2	66,7	186	93

Já no que concerne a relações sexuais com parceiros casuais nos últimos 12 meses, 206 (40,7%) realizaram a afirmativa, destes 91 (29,4%) são do sexo feminino e 112 (58,6%) representam o sexo masculino e pessoas de outro gênero 3 (50,0%). Em relação a ter mais de 5 parceiros sexuais nos últimos 12 meses, houveram 62 (30,1%) indivíduos afirmando, dos quais 14 (15,45) são do sexo feminino, 47 (42,0%) representa o sexo masculino e 1 (33,3%) outro tipo de gênero. **(Tabela 05)**

Dos 206 que afirmaram ter relação sexual com parceiros casuais, 186 (90,3%) fez o uso de camisinha, correspondendo 62 (68,1%) do sexo feminino e 101 (90,2%) do sexo masculino, indivíduos de outro gênero sexual foram 2 (66,7%). Sobre o uso sempre de preservativo nesses tipos de relação sexual, 101 (49,0) disseram que sim, sendo 37 (40,7%) do sexo feminino e 64 (57,1%) do sexo masculino. **(Tabela 05)**

Sobre prática de relação sexual com pessoas conhecidas pela internet, 200 (39,5%) foi o montante de indivíduos que afirmaram, representado por 75 (24,3%) do sexo feminino e 122 (63,9%) do sexo masculino e 3 (50,0%) pessoas com outro tipo de gênero. Desse grupo total de 200, 186 (93,0%) utilizaram a camisinha, no qual foi afirmado pelo sexo feminino 62 (82,7%), já o sexo masculino 101 (82,8%) afirmaram o uso da camisinha, já outro tipo de gênero corresponde a 2 indivíduos (66,7%). **(Tabela 05)**

5.4 Análises correlacionais entre fatores socioeconômicos, demográficos na vulnerabilidade à infecção pelas hepatites virais

Nesse estudo busca-se também procurar identificar a existência de correlação ou não entre cada uma das variáveis sociodemográficas exploradas no questionário e o risco de aquisição de uma das hepatites virais. Ademais, identificar qual o nível de influência de cada uma no nível de conhecimento correto sobre formas de transmissão das hepatites virais.

A seguir apresenta-se a descrição dos universitários com conhecimento correto sobre as formas de transmissão da infecção por hepatites virais segundo variáveis sociodemográficas.

O melhor conhecimento quanto à infecção pelo vírus da hepatite B, C ou D a partir do compartilhamento de lâminas de barbear ou de depilar e quanto à possibilidade de infecção pelo vírus da hepatite B, C ou D ao realizar cirurgias foi observado no público feminino, em indivíduos pardos, em indivíduos na faixa etária entre 21 a 25 anos e entre os solteiros. **(Tabela 06)**

Tabela 06 – Universitários com conhecimento correto sobre as formas de transmissão da infecção pelas hepatites virais segundo variáveis sociodemográficas

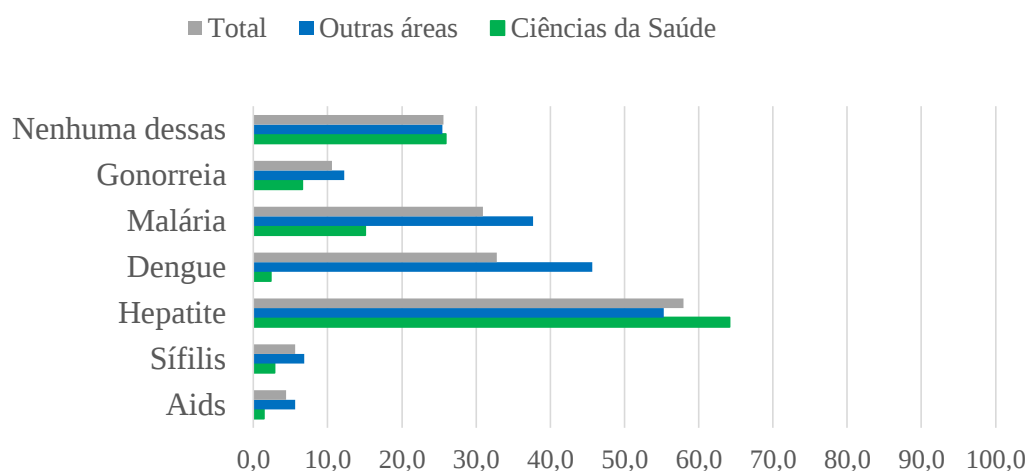
Variáveis sociodemográficas	Concorda com a afirmativa “Uma pessoa pode ser infectada pelo vírus da hepatite B, C ou D compartilhando lâminas de barbear ou de depilar.”		Concorda com a afirmativa “Uma pessoa pode ser infectada pelo vírus da hepatite B, C ou D ao realizar qualquer cirurgia.”	
Gênero	n	%	n	%
Masculino (268)	146	54,5	99	36,9
Feminino (434)	267	61,5	187	43,1
Outro (9)	6	66,7	4	44,4
Raça/cor				
Parda (381)	222	58,3	147	38,6
Branca (175)	108	61,7	76	43,4
Preta (114)	64	56,1	50	43,9
Outra (29)	19	65,5	13	44,8
Sem resposta (12)	6	50,0	4	33,3
Faixa etária				
17 a 20 anos (170)	108	63,5	66	38,8
21 a 25 anos (345)	193	55,9	142	41,2

26 a 30 anos (97)	59	60,8	39	40,2
31 a 35 anos (32)	17	53,1	10	31,3
36 a 40 anos (29)	17	58,6	15	51,7
41 a 65 anos (38)	25	65,8	18	47,4
Estado conjugal				
Solteiro	298	59,2	199	39,6
Casado ou vive com companheiro	88	55,3	70	44,0
Separado ou viúvo	30	66,7	18	40,0
Total (711)	419	58,9	290	40,8

5.5 Estudo comparativo do nível de conhecimento, atitudes e práticas sobre hepatites virais entre os estudantes das ciências da saúde e os estudantes dos demais campos do conhecimento.

De modo geral, no montante da comunidade graduanda a parcela majoritária considera que a hepatite é a principal doença relacionada a transmissão por alimentos entre as doenças citadas (57,9%), com os discentes das ciências da saúde demonstrando números ainda mais animadores (64,2%) se comparados com os das demais áreas (57,9%). **(Gráfico 1)**

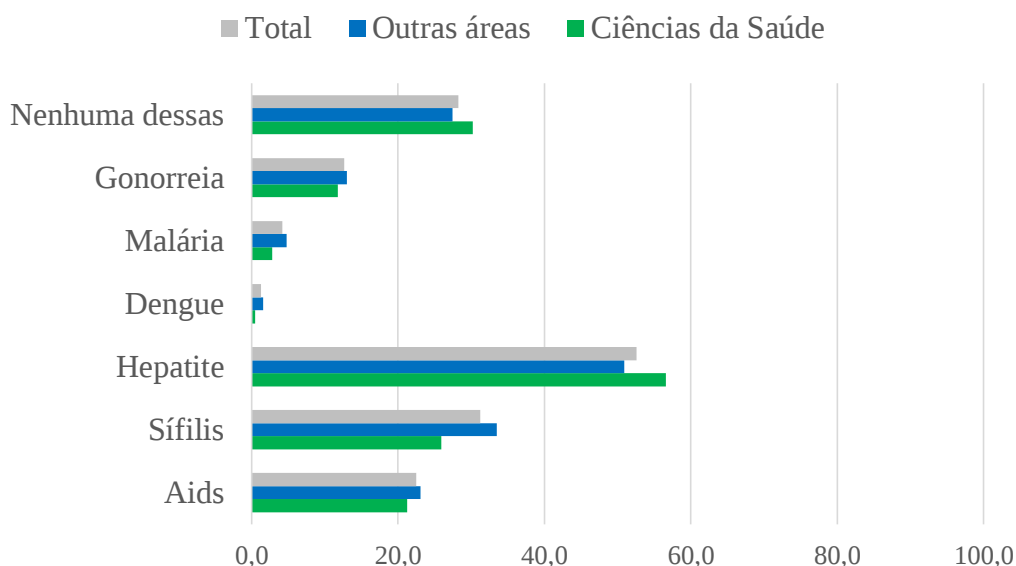
Gráfico 1 – Percentual de respostas sobre qual ou quais infecções podem ser transmitidas por alimentos ou água contaminados, por área do curso de graduação.



A ilustração gráfica abaixo expõe os dados referentes ao conhecimento dos universitários sobre as doenças que podem ser transmitidas a partir da partilha de escova de dentes.

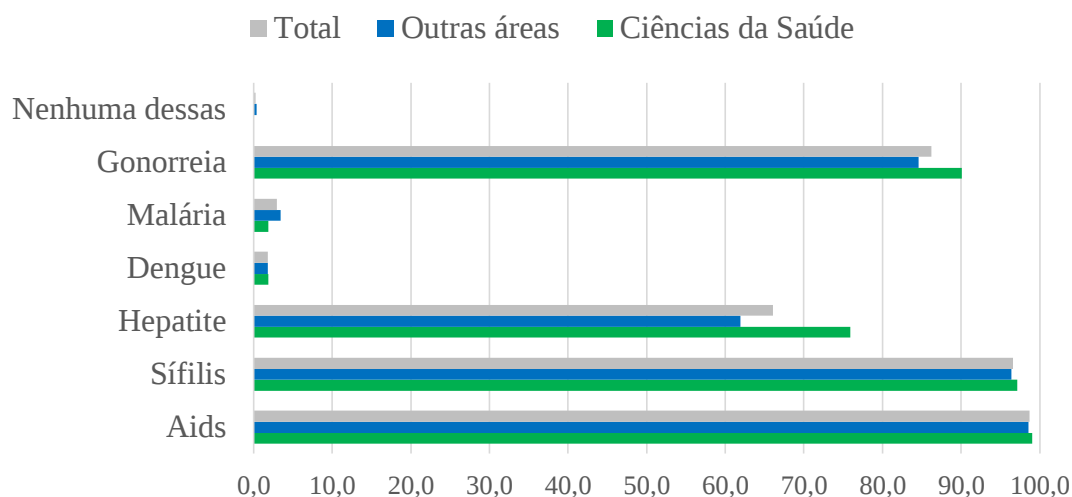
Quando analisados, verifica-se que 52,6% acreditam que a hepatite é a principal doença relacionada a essa forma de transmissão e entre os estudantes da área da ciências da saúde 56,6% (**Gráfico 2**).

Gráfico 2 – Percentual de respostas sobre qual ou quais das doenças uma pessoa pode ser infectada compartilhando escova de dentes, por área do curso de graduação



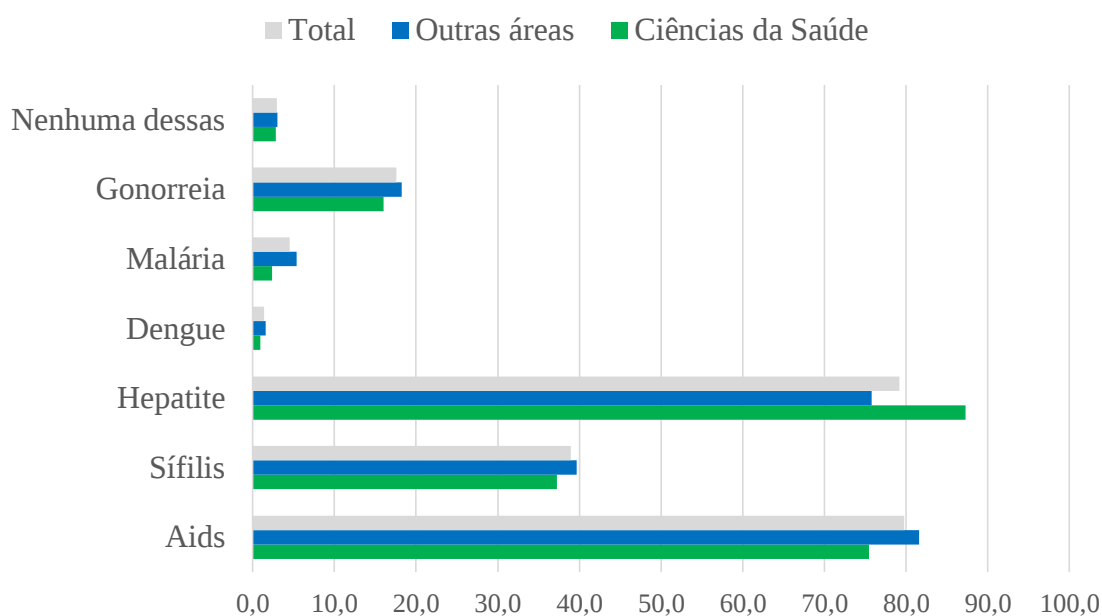
Observe-se a disposição percentil de alunos por campo do saber que pensam ser possível adquirir determinadas infecções sexualmente transmissíveis numa relação sexual sem uso de métodos de proteção. É necessário destacar que as hepatites virais obtiveram 66,1% de resposta, principalmente entre os alunos de ciências da saúde (75,9%) e de demais áreas (61,9%), contudo, ainda ocupando a última posição entre as condições sexualmente transmissíveis relatadas. (**Gráfico 3**)

Gráfico 3. Percentual de respostas sobre qual ou quais das doenças uma pessoa pode ser infectada ao não usar preservativos em relações sexuais, por área do curso de graduação.



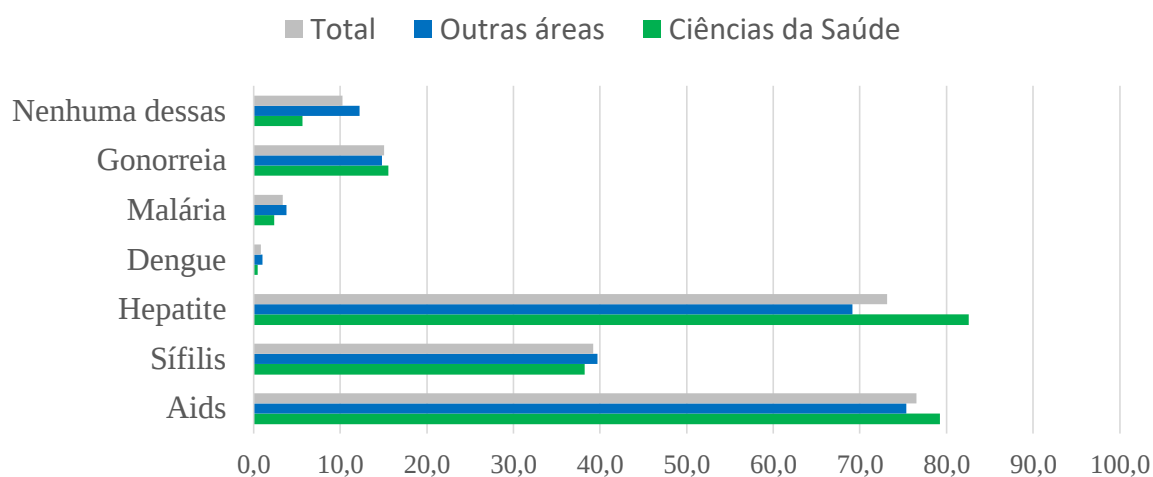
No gráfico seguinte, 79,7% dos entrevistados referiram-se a hepatites como doenças potencialmente transmissíveis por compartilhamento de materiais de manicure/pedicure. Ademais, nota-se que entre os estudantes da área de ciências da saúde esse número é perceptivelmente mais notório, mais de 85 % desses estudantes apontam as hepatites virais como uma das principais doenças transmissíveis desse modo. (**Gráfico 4**).

Gráfico 4. Percentual de respostas sobre a possibilidade de transmissão de hepatites virais compartilhando os instrumentos de manicure/pedicure (alicate de unha, lixa, espátula, etc), por área do curso de graduação



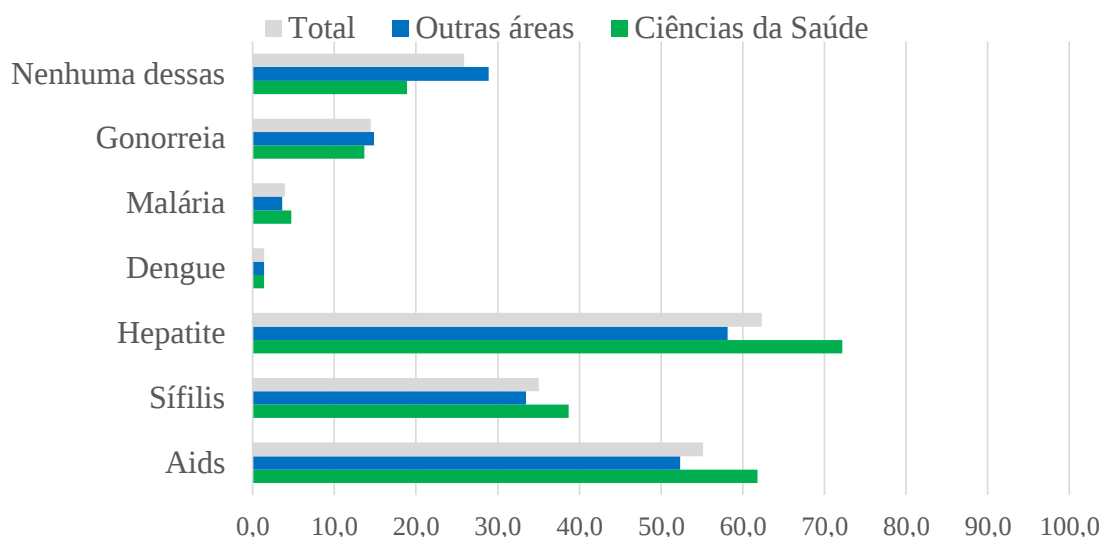
Mais uma vez os alunos das ciências da saúde apresentaram maior número de acertos em suas respostas em relação aos alunos das demais áreas. Dessa vez, quando questionados sobre a transmissão de hepatites virais pela realização de tatuagens e inserção de piercings. Houve um percentual 82,5%, para os alunos de ciências da saúde seguido das demais áreas 69,1%. **(Gráfico 5)**

Gráfico 5 – Percentual de respostas sobre qual ou quais das doenças uma pessoa pode ser infectada fazendo tatuagem ou colocando piercieng, por área do curso de graduação



Sobre a possibilidade de transmissão por tratamento dentário, endoscopia ou hemodiálise. Entre os entrevistados, 62,3% referiram-se a hepatites, principalmente entre os discentes de ciências da saúde (72,2%) e entre os das demais áreas o índice de resposta foi de 58,1%. **(Gráfico 6)**

Gráfico 6 – Percentual de respostas sobre qual ou quais doenças uma pessoa pode ser infectada fazendo tratamento dentário, endoscopia ou hemodiálise, por área do curso de graduação.



O quadro abaixo mostra as disparidades no que diz respeito ao conhecimento das formas de transmissão da infecção pelas hepatites virais dividindo os universitários em dois grupos, o da ciências da saúde e o das demais áreas em conjunto. Houve diferença estatística significativa entre os dois grupos em praticamente todas as perguntas que avaliavam esse tipo de conhecimento, exceto em uma delas. A parcela pertencente aos cursos da ciência da saúde apresentaram superioridade em acertos em todas essas questões que avaliam o conhecimento das maneiras de transmissão das hepatites virais quando comparados aos estudantes dos cursos das demais áreas. **(Tabela 07)**

Tabela 07 - Valores estatísticos sobre o conhecimento correto acerca das formas de transmissão das hepatites virais, de acordo com a área do curso de graduação.

Formas de transmissão das hepatites virais	Ciências da Saúde (n=212)	Outras da áreas (n=499)	Total (n=711)			p-valor	
	n	%	n	%	n		%
Uma pessoa pode se infectar por meio de alimentos ou de água contaminada?							
Sim	136	64,2	276	55,3	412	57,9	<0,05
Hepatite A	117	55,2	159	31,9	276	38,8	<0,01
Uma pessoa pode se infectar compartilhando escova de dente?							
Sim	120	56,6	254	50,9	374	52,6	0,16
Hepatite B	46	21,7	86	17,2	132	18,6	0,16
Hepatite C	55	25,9	102	20,4	157	22,1	0,11

Uma pessoa pode ser infectada ao compartilhar com outras pessoas instrumentos para o uso de drogas, tais como seringa, agulha, cachimbo, latinha, canudo, etc.?

Sim	181	85,4	388	77,8	569	80,0	<0,05
Hepatite B	127	59,9	180	36,1	307	43,2	<0,01
Hepatite C	128	60,4	182	36,5	310	43,6	<0,01

Uma pessoa pode ser infectada ao não usar preservativos em relações sexuais?

Sim	161	75,9	309	61,9	470	66,1	<0,01
Hepatite B	137	64,6	192	38,5	329	46,3	<0,01
Hepatite C	114	53,8	155	31,1	269	37,8	<0,01

Uma pessoa pode se infectar compartilhando os instrumentos de manicure/pedicure (alicate de unha, lixa, espátula, etc.)?

Sim	185	87,3	378	75,8	563	79,2	<0,01
Hepatite B	123	58,0	170	34,1	293	41,2	<0,01
Hepatite C	121	57,1	154	30,9	275	38,7	<0,01

Uma pessoa pode se infectar fazendo tatuagem ou colocando piercing?

Sim	175	82,5	345	69,1	520	73,1	<0,01
Hepatite B	120	56,6	148	29,7	268	37,7	<0,01
Hepatite C	124	58,5	141	28,3	265	37,3	<0,01

Uma pessoa pode se infectar fazendo tratamento dentário, endoscopia ou hemodiálise?

Sim	153	72,2	290	58,1	443	62,3	<0,01
Hepatite B	100	47,2	113	22,6	213	30,0	<0,01
Hepatite C	97	45,8	128	25,7	225	31,6	<0,01

De acordo com Farias (2019 apud Funesa 2023) há ainda pouco conhecimento sobre as hepatites virais especialmente no que concerne as formas de transmissão principalmente da via sexual e compartilhamento de instrumentos invasivos como agulhas e materiais de manicure. Dessa forma, gera-se uma percepção de baixo risco falsa para contrair hepatite viral e, assim, ocorre uma baixa adesão para testagem para hepatite B e C.

Nesse contexto é válido e pertinente analisar a presença de disparidade na procura a realização de testes sorológicos entre os participante levando em consideração a área do saber do curso do participante, uma vez que essa variável notoriamente influencia o nível do conhecimento a respeito principalmente das formas de transmissão das hepatites virais.

A tabela abaixo ilustra o percentual de adesão a realização de testes para hepatites do tipo B e C, na qual nota-se que os maiores valores estão nos grupos de estudantes das áreas de ciências biológicas e ciências da saúde. Sendo este último grupo o com maior valor em comparação a todas as outras áreas. **(Tabela 08)**

Tabela 08 - Realização dos testes para hepatite B e hepatite C alguma vez na vida de acordo com as variáveis relacionadas ao curso de graduação da amostra.

Variáveis (n)	Já fez teste para Hepatite B		Já fez teste para Hepatite C	
	n	%	n	%
Área do Curso				
Ciências Agrárias (60)	13	21,7	10	16,7
Ciências Biológicas (30)	9	30,0	7	23,3
Ciências da Saúde (212)	73	34,4	56	26,4
Ciências Exatas e da Terra (76)	14	18,4	11	14,5
Ciências Humanas (86)	18	20,9	16	18,6
Ciências Sociais Aplicadas (129)	27	20,9	24	18,6
Engenharias (30)	5	16,7	5	16,7
Linguística, Letras e Artes (74)	12	16,2	13	17,6
Não informado (14)	2	14,3	2	14,3
Campi				
Aracaju (45)	20	44,4	15	33,3
Glória (31)	6	19,4	5	16,1
Itabaiana (119)	16	13,4	12	10,1
Lagarto (95)	30	31,6	20	21,1
São Cristóvão (411)	97	23,6	89	21,7
Sem informação (10)	4	40,0	3	30,0
Ciclo/ano do curso				
1º ano (159)	29	18,2	24	15,1
2º ano (132)	29	22,0	27	20,5
3º ano (142)	34	23,9	32	22,5
4º ano (139)	41	29,5	33	23,7
5º ano (76)	23	30,3	16	21,1
6º ano (57)	16	28,1	11	19,3
Sem informação (6)	1	16,7	1	16,7
Total	173	24,3	144	20,3

Conclui-se, a partir das tabelas acima, que o campo de conhecimento ao qual o curso do participante pertence influencia no seu nível de conhecimento acerca das

hepatites virais. Ademais, alguns autores destacam que diferentemente do que acontece com o HIV/aids, no qual a procura por realização de teste do estado sorológico é dificultada por uma série de empecilhos sociais como o preconceito e a discriminação, com as hepatites virais o fator de desconhecimento a respeito da doença é o que mais pesa.

6 DISCUSSÃO:

É imperioso pontuar que a educação sexual é, indubitavelmente, relevante para o desenvolvimento social e psíquico dos indivíduos. Nessa perspectiva, o contexto familiar no qual os indivíduos estão inseridos é considerado o primeiro lócus de aprendizagem do ser humano, bem como um meio que influencia significativamente nas percepções individuais, nas crenças, nas decisões, tal qual nos valores necessários para o convívio no corpo social.

Nesse sentido, a partir dos resultados obtidos no trabalho em pauta, nota-se quão pertinentes são os fatores socioeconômicos e demográficos na vulnerabilidade à infecção pelas hepatites virais, tal como essas variáveis influenciam no nível de conhecimento, nas atitudes e práticas de risco sobre hepatites virais entre as áreas dos cursos de graduação da UFS.

Conforme os resultados supracitados na análise discricional da população participante do estudo, no que tange especificamente à escolaridade das pessoas identificadas como “chefes de família”, apesar de 25,7% apresentarem ensino superior, parcela maior de 31,6% referiu escolaridade até a 7ª série do ensino fundamental, incluindo 3,7% relatados como não alfabetizados. Já no que concerne à renda mensal, de 1 à 3 salários-mínimos foi evidentemente a mais predominante (44%), conforme a Tabela 02, do item 4.1.

Em analogia, depreende-se que diante da majoritária parcela dos “chefes de família” pertencer a um grau de escolaridade básico, há uma influência significativa em relação ao conhecimento sexual transmitido aos seus membros, visto que, pressupõe-se que um maior grau de escolaridade contribui para o fornecimento de um nível de informação mais elevado. Não raro, aliada à variável em pauta, a vulnerabilidade econômica, muitas vezes, está associada a um baixo grau de escolaridade, tornando-se um fator contribuinte e somatório na dificuldade para a transmissão do conhecimento.

Foram alcançados dados importantes sobre o conhecimento dos universitários a respeito das atitudes e práticas de risco sobre as hepatites virais, inclusive, um tamanho amostral considerável de estudantes possui elevados comportamentos de risco que, decerto, com um diálogo mais aberto e certo nas famílias contribuiria, inegavelmente,

para a redução de possíveis riscos de infecções sexuais. Todavia, o tabu, tal qual o desconhecimento científico por parte dos familiares de convivência constante dos alunos, dificulta de maneira exacerbada o diálogo construtivo e capaz de levá-los a evitar situações de risco para contrair um dos tipos de hepatites virais ou outras IST's.

De acordo com (BERNARDI, 1985; TRINDADE & BRUNS, 1999), na sociedade o tema sexualidade ainda se encontra cercado de crenças, mitos e tabus. Isso se deve, em grande parte, à cultura da sociedade que reduz a sexualidade a sua função reprodutiva e genital, sem compreender a sexualidade como integrante do processo educacional e vivencial do indivíduo, histórica e culturalmente produzidos. Os pais temem o assunto e o evitam ou, às vezes, acabam por reprimir essa manifestação sexual, por terem em mente que o “falar” sobre sexualidade possa vir a antecipar cada vez mais a prática sexual (apud GONÇALVES, 2012).

Ademais, em face dessa realidade na qual o diálogo é limitado nos lares, os resultados na vida pessoal e sexual de cada aluno é, com efeito, reverberado de forma negativa. Busca-se em amigos ou na internet informações que, não raro, são superficiais e, por conseguinte, colocam em risco o futuro de cada indivíduo.

Fontes (2017, p. 08) é enfático ao afirmar em seu estudo:

Este resultado reforça diversos estudos já realizados sobre a importância dos pais na educação sexual dos filhos. Embora sejam citados amigos como a principais fontes de educação sexual e que pais, muitas vezes, estão em segundo plano, a importância do diálogo com estes não pode ser minimizada. Muito pelo contrário, o estudo demonstra que a associação entre níveis mais elevados de educação sexual e engajamento dos pais é significativa.

Analogamente, corrobora-se que a participação dos pais ou de um outro integrante caracterizado como “chefe de família” na educação sexual dos demais membros é crucial na elevação do conhecimento sexual. Sob a mesma ótica, torna-se claro que ao se aludir ao âmbito socioeconômico, evidencia-se que na realidade de adolescentes e adultos que vivem em condições de vulnerabilidade e carência, predomina a existência de

informações mais escassas e, consequentemente, um diálogo reduzido com os pais, bem como uma suscetibilidade para realizar comportamentos arriscados.

Outrossim, como forma de potencializar o conhecimento no que tange à sexualidade e os demais fatores que a influenciam, é imprescindível a participação do corpo docente das universidades, haja vista que os professores – por deterem um nível de compreensão e clareza mais acentuado sobre tal temática- correspondem a um grupo importantíssimo na transmissão da educação sexual aos discentes.

Dessa forma, urge que programas de educação sexual sejam efetivados nos campus universitários. Seria válido adotar uma disciplina específica de educação sexual para todos os cursos e campus, no primeiro período, a fim de que os alunos possam vivenciar essa transição de fase da adolescência para a vida adulta – que é dotada de possibilidades de forma mais consciente possível e, assim, a educação se tornaria um caminho para o crescimento intelectual e social construtivo, pautado num conhecimento sólido e científico da temática sob análise.

Diante da temática sob estudo no presente trabalho, evidencia-se que a maioria das questões abordam sobre as formas de transmissão. Além disso, as perguntas utilizadas para medir o conhecimento dos participantes são de complexidade variável, se apresentam desde questões em que o conhecimento é mais difundido na população geral a pontos mais específicos do conhecimento que teoricamente são mais acessíveis apenas a pessoas com um nível escolaridade maior.

Sob a mesma ótica, é imprescindível pontuar sobre outra variável de relevância significativa, principalmente, para o contexto universitário, que é o conhecimento sobre a possibilidade de transmissão com o compartilhamento de material para uso de drogas (seringa, agulha, cachimbo, latinha, canudo), conforme exposto no Gráfico 01 da seção 4.2.

Quando questionados sobre a possibilidade dessa forma de transmissão, pouco mais de 40% respondeu positivamente a esse modo de propagação para a hepatite B e C. Por outro lado, aproximadamente 40% disseram não saber ser possível se infectar por uma ou mais das hepatites virais dessa forma.

Esses dados repercutem de maneira preocupante, haja vista que diante do estudo epidemiológico aplicado ao SUS, desenvolvido por estudantes e docentes da UFS, baseado no questionário da PCAP (Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas) - que é um instrumento utilizado e padronizado pelo Ministério da Saúde para estudo da realidade das IST's no país-, o uso de drogas, que sempre foi uma atividade recorrente há séculos na humanidade, atualmente passa por um processo de intensa utilização, disseminando-se nas diversas camadas da sociedade, principalmente, entre os mais jovens.

Segundo Boska et. al. (2020 apud FUNESA; 2023) dentre os impactos negativos observados, destacam-se as relações causais entre a utilização dessas substâncias e a maior incidência de práticas sexuais inseguras, amplamente consideradas como um dos principais fatores de risco para a transmissão de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) de interesse para a saúde pública, como o HIV e as hepatites virais. O uso de drogas em geral tem sido intrinsecamente relacionado ao comportamento sexual de risco, sendo representado por múltiplas parcerias sexuais, sexo sem proteção e troca de sexo por drogas ou dinheiro, por exemplo.

Sendo assim, torna-se claro quão pertinente é a associação entre o nível de desconhecimento da transmissão das hepatites virais por meio do compartilhamento de material para uso de drogas e a consequente suscetibilidade à prática de sexo inseguro.

Percebe-se que os universitários estão categorizados como um dos públicos mais vulneráveis à prática de sexo inseguro em virtude do consumo de drogas lícitas ou ilícitas associadas ao desconhecimento da forma de transmissão das hepatites e outras IST's. Nesse sentido, diante dos resultados alcançados no estudo epidemiológico e a sua relação com o trabalho sob análise, observa-se que o conhecimento sobre a transmissão do HIV é mais nítido que o das hepatites virais.

Ademais, tal fato revela a imensa necessidade de adesão às informações comprovadas cientificamente no que concerne às hepatites e as suas implicações, bem como as formas de profilaxia tanto dessas doenças, quanto do uso de drogas lícitas ou ilícitas. Faz-se mister que haja a difusão de informações mais claras sobre as hepatites

virais, pois são doenças que possuem apresentações epidemiológicas muito diversas e, em analogia com os dados obtidos, ainda causam muitas dúvidas no público universitário.

Embora os alunos da área da saúde apresentem um nível de esclarecimento maior sobre essas enfermidades, é preciso expandir de forma contundente a compreensão sobre o referido assunto para essa e demais áreas, posto que, quanto maior for a propagação do conhecimento científico, maior será a qualidade e os impactos na vida individual e coletiva dos discentes. Simpósios, palestras e workshops semestrais em todos os campus, com a distribuição de materiais pedagógicos e publicações interativas nas redes sociais sobre o tema apresentaria uma relevância construtiva para a fixação do conhecimento mencionado anteriormente.

Em continuidade, é válido ressaltar uma outra variável abordada que evidencia não apenas o nível de conhecimento dos alunos, como também as atitudes e práticas de risco: o uso de preservativo nas relações sexuais.

É alarmante evidenciar que 42,5 % dos discentes que participaram da pesquisa sobre essa variável, responderam não saber ser possível se infectar com alguma das hepatites virais ao não se utilizar preservativos no momento da prática sexual, conforme apontado no Gráfico 02, da seção 4.2.

Quando se discute fatores de proteção para aquisição de hepatites virais a assertiva discurrida no parágrafo anterior se faz categoricamente válida, especialmente, no que diz respeito ao uso de preservativos em todas as relações sexuais.

A importância do uso de camisinha durante relações é inegavelmente compreendida como importante pela maior da população brasileira conforme dados do PCAP nacional de 2013. Contudo, paradoxalmente, quase metade da população ativa sexualmente afirma não fazer uso do preservativo nas relações sexuais ocasionais. Esse cenário justifica parte significativa dos casos de hepatites virais no cenário nacional e de outras IST's (KOLLING et. al., 2021 apud FUNESA, 2023).

Em conformidade, infere-se que os dados obtidos estão intrinsecamente relacionados ao argumento anterior, visto que, embora muito se tenha evoluído em

relação ao uso do condom nos últimos anos, no Brasil, a população universitária ainda está numa conjuntura arriscada em relação ao conhecimento, bem como as suas atitudes.

Nesse íterim, dentre o total de participantes (Tabela 02, seção 4.3), 60%, aproximadamente, disseram fazer uso da camisinha com parceiros fixos, dos quais a parcela majoritária é do sexo masculino, fato que evidencia um maior comportamento de risco e vulnerabilidade do sexo feminino que, muitas vezes, sente-se mais “confiante” no tange ao relacionamento fixo e, por conseguinte, expõe-se indevidamente às IST’s.

Além disso, nota-se, nesse contexto, que a afirmativa de usar camisinha em relações sexuais com parceiros casuais compreende uma parcela majoritária de, aproximadamente, 90% dos entrevistados. No entanto, as mulheres e indivíduos de outros gêneros correspondem a parte que menos utiliza o condom nessa circunstância. Tal cenário ainda se ratifica nas estatísticas sobre a prática de relação sexual com pessoas conhecidas pela internet, isto é, revela-se um quadro preocupante, haja vista que as mulheres e indivíduos de outros gêneros, principalmente, exibem um comportamento danoso tanto para si quanto para o corpo social.

Nessa perspectiva, é inegável que no cenário nacional a proporção maior de casos está relacionada a populações de homens jovens. Todavia, nas últimas décadas, verificou-se um grande aumento na transmissão do vírus HIV e outras ISTs entre mulheres jovens brasileiras. Ademais, gênero e escolaridade também são fatores sociodemográficos amplamente citados na literatura nacional e internacional como variáveis de alta vulnerabilidade em relação ao HIV/AIDS/Hepatites Virais. (FONTES, 2017)

Sendo assim, espera-se do público universitário um maior conhecimento, tal qual uma adesão significativa aos meios preventivos para se evitar as IST’s. É notório que o conhecimento deve ser aplicado de forma efetiva e consciente, pois detê-lo mas não pô-lo em prática transforma o saber num infortúnio capaz de trazer aos indivíduos consequências extremamente negativas tanto no âmbito da saúde física, quanto emocional e social de forma longaeva.

Portanto, é importante que nos campus de todas as universidades haja um setor específico em cada bloco ou didática, por área de curso, para ser consultado em caso de

esclarecimento de dúvidas, aquisição de preservativos, assim como testagem e direcionamento para um possível tratamento, garantindo o anonimato -que em tantos casos, a violação desse se torna motivo para a desistência na busca por auxílio-. Desse modo, o conhecimento aliado aos meios de suporte, tornará as estatísticas negativas cada vez menores, proporcionando uma melhor qualidade de vida aos discentes.

Por fim, na seção 4.5, na qual foi abordado o estudo comparativo do nível de conhecimento, atitudes e práticas sobre as hepatites virais entre os estudantes das ciências da saúde e os estudantes dos demais campos do conhecimento, constatou-se no gráfico 15, a existência de disparidades no que diz respeito ao conhecimento das formas de transmissão da infecção pelas hepatites virais dividindo os universitários em dois grupos: o da ciências da saúde e o das demais áreas em conjunto.

Verificou-se uma diferença estatística significativa entre os dois grupos em praticamente todas as perguntas que avaliavam esse tipo de conhecimento, exceto em uma delas. A parcela pertencente aos cursos da ciência da saúde apresentaram superioridade em acertos em todas essas questões que avaliam o conhecimento das maneiras de transmissão das hepatites virais quando comparados aos estudantes dos cursos das demais áreas.

Sob essa ótica, corrobora-se que o campo de conhecimento ao qual o participante pertence, influencia no seu nível de conhecimento acerca das hepatites virais. Portanto, seria esperado que os docentes da área da saúde apresentasse um esclarecimento maior, tendo em vista que a temática compreende o seu nicho de estudo.

Em conformidade com a informação supracitada, uma problemática pertinente foi manifestada por meio dos dados da tabela 4. Com base no nível de informação evidenciada pelos estudantes de cada área, tornou-se perceptível o que alguns autores destacam sobre o HIV/aids e hepatites virais: que diferentemente do que acontece com o HIV/aids, no qual a procura por realização de teste do estado sorológico é dificultada por uma série de empecilhos sociais como o preconceito e a discriminação, com as hepatites virais o fator de desconhecimento a respeito da doença é o que mais pesa.

A respeito dessa problemática entende-se:

A vulnerabilidade dos jovens brasileiros continua alta. No entanto, a percepção de risco é significativamente baixa. O entendimento sobre as vulnerabilidades dos jovens brasileiros e suas determinantes sociais é fundamental para o fortalecimento de programas e políticas públicas. Sendo assim, em base aos resultados deste estudo, políticas e programas integrais que promovam o acesso a opções de lazer, a serviços de saúde sexual e ambientes de debate e participação democrática, com o envolvimento da família, sobre a sexualidade humana oferecem condições propícias e experiências enriquecedoras para a prevenção das ISTs/AIDS e Hepatites Virais. (CRIVELARO,2017)

Posto isto, é irrefutável a urgência que existe pela transmissão e aplicação do conhecimento em todos os campus da Universidade Federal de Sergipe, visto que a deficiência de informações contribui negativamente não apenas para a busca pela testagem do estado sorológico, mas também põe em risco a vida sexual, afetiva, individual, coletiva, isto é, todas as esferas da vida daqueles que podem ser afetados pelo desconhecimento ou conhecimento parcial e duvidoso.

Destarte, as anteriores e possíveis intervenções das demais variáveis podem e devem ser aplicadas também a essa, porque, em síntese, são meios eficazes para se galgar um conhecimento científico e efetivo, tal qual tornar o medo e o desconhecimento uma barreira totalmente transponível e capaz de fornecer a cada um que busca o que é verídico, uma qualidade de vida tangível.

7 CONCLUSÃO:

Esse trabalho pautou-se na busca por compreender de uma forma geral a realidade global das hepatites virais entre estudantes do ensino superior da Universidade Federal de Sergipe.

A população do estudo foi composta exclusivamente de estudantes (graduandos) do nível superior da instituição federal acima citada com um perfil, de forma geral e predominante, baixa renda, afrodescendente, feminino e heterossexual.

A partir dos resultados obtidos nesta pesquisa, concluímos que os estudantes da universidade federal de Sergipe, de forma geral, possuem nível de conhecimento insatisfatório sobre as hepatites virais, especialmente, no que concerne as suas formas de transmissão. Parte expressiva dos estudantes em muitos dos questionamentos responderam não saber ou responderam incorretamente.

Os estudantes, de uma forma geral, demonstraram exposição a situações de risco em níveis significativos no que diz respeito, por exemplo, ao não uso sempre de preservativo em todas as relações sexuais, especialmente, em contextos de parcerias fixas. Ademais, o que mais recobra atenção está nos dados que evidenciam que uma parcela muito pequena adota o comportamento do uso do condom em todas as práticas sexuais com parceiros ocasionais.

Em relação às características sociodemográficas da população e sua correlação com níveis de conhecimentos, o estudo em questão demonstrou que as populações com melhor destaque nesse sentido são os grupos que são os maiores em números de indivíduos em seus respectivos grupos. Como descrito a priori a população predominante em aspectos raciais, é a parda, em questão de sexo, é o feminino e de idade, os mais jovens

E, como confirmado estatisticamente houve uma diferença significativa entre tais grupos. Essa disparidade, por sua vez, nos reforça a ideia de que os estudantes da área de saúde em tese possuem menor risco para aquisição de hepatites virais presumido superior devido ao seu maior nível de conhecimento para aquisição de hepatites virais.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Esse trabalho foi construído com o intuito de agregar novas perspectivas quanto ao desenvolvimento populacional em saúde pública no campo da realidade das IST's. Sendo o enfoque em questão, a compreensão do cenário das hepatites virais entre os estudantes universitários. Esse estudo já foi publicado como capítulo de livro intitulado Epidemiologia aplicada ao SUS volume II. Ambos os estudos buscam fornecer subsídio intelectual para a melhora dos índices de conhecimento e de transmissão das hepatites virais. Podemos abraçar a perspectiva de que esses mesmos estudos também servirão de embasamento para novos estudos futuros e para comparação entre a realidade atual e a futura próxima.

É possível perceber diante dos resultados expostos que há um déficit significativo de conhecimento e um excesso de comportamentos viciosos e de risco entre estudantes universitários, fatores que clamam à universidade por atitudes que modifiquem tal contexto.

Dessa forma, torna-se válido sugerir que a UFS integre nos anos iniciais de todos os cursos, independente do campo do conhecimento ao qual pertençam, disciplinas que tratem sobre as IST's com intuito de aumentar o conhecimento de seus estudantes sobre essas infecções.

Recomenda-se também que seja abordado sobre saúde sexual e práticas de risco em feiras, eventos e encontros científicos, fornecer mais acesso à informação sobre testagem para IST's e também a realização de oficinas para enfatizar e ensinar o uso dos preservativos masculino e feminino.

REFERÊNCIAS

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Pesquisa de conhecimento, atitudes e práticas na população brasileira** / Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. – Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. **Boletim Epidemiológico Sífilis-2020**. Ministério da Saúde. Secretária de Vigilância em Saúde. - Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2020.

BRASIL. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Hepatites Virais**. Disponível em: < <http://www.aids.gov.br/pt-br/hepatites> >. Acesso em: 09 de agosto de 2021.

BRASIL. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Hepatite B**. Disponível em: < <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/hv/o-que-sao-hepatites/hepatite-b> >. Acesso em: 09 agosto de 2021.

CARVALHO, R. X. C.; ARAÚJO, T. M. E. Conhecimentos, atitudes e práticas de adolescentes universitários sobre sífilis: estudo transversal no Nordeste. **Rev. Saúde Pública**, Piauí, Vol. 50, nº 120, Set. 2020.

Conhecimentos, atitudes e práticas em relação às infecções sexualmente transmissíveis em universitários do estado de Sergipe. SANTOS, Allan. PEREIRA, Beatriz. SOUZA, Danilo et al. **Epidemiologia aplicada no SUS, Volume II**. Aracaju – Sergipe. Editora Fundação Estadual de Saúde (FUNESA), 2023.

FARIAS, K. **Conhecimento e comportamento em relação à transmissão do HIV/AIDS e outras infecções sexualmente transmissíveis em adultos**. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde da Família) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA. N. gonorrhoeae no Brasil e no mundo. **Revista Contemporânea de GO Feminina**. Vol. 46, nº 2, 2018.

FERREIRA C.T., SILVEIRA T.R. da. Hepatites virais: aspectos da epidemiologia e da prevenção. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, Rio Grande do Sul, vol. 7, n. 4, p. 473-487, Set./Dez. 2004

FIOCRUZ, 2022. Hepatite C: sintomas, transmissão e prevenção. **Portal Fundação Oswaldo Cruz**. Disponível em: < <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/hepatite-c-sintomas-transmissao-e-prevencao#:~:text=O%20v%C3%ADrus%20da%20hepatite%20C,ou%20na%20partilha%20de%20seringas> >. Acesso em: 08 de fevereiro de 2023.

FONTE et al. Jovens universitários e o conhecimento acerca das infecções sexualmente transmissíveis. **Escola Ana Nery**, 22 fev. 2018.

FONTES, MB et al. Fatores determinantes de conhecimentos, atitudes e práticas em DST/Aids e hepatites virais, entre jovens de 18 a 29 anos, no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, 22 abr. de 2017.

GONÇALVEZ, Randys. et al. **Concepções dos pais acerca do diálogo sobre sexualidade na adolescência**. Enciclopédia biosfera, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v.8, n.15; (p. 2054), 2012.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo. **Pesquisa de conhecimentos, atitudes e práticas na população residente no município de São Paulo**. São Paulo, 2014.

SANTOS, M. B. et al. Spatial analysis of viral hepatitis and schistosomiasis coinfection in an endemic area in Northeastern Brazil. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 50, n. 3, 2017.

SILVA, A. F. DA; LÓS, D. E. D. S.; LÓS, D. R. D. S. Web 2.0 e Pesquisa: Um Estudo do Google Docs em Métodos Quantitativos. **RENOTE**, v. 9, n. 2, 28 dez. 2011.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Progress report on HIV, viral hepatitis and sexually transmitted infections 2019**. Accountability for the global health sector strategies, 2016–2021. Geneva, 2019

APÊNDICE I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

CONHECIMENTO, ATITUDES E PRÁTICAS DE RISCO (PCAP) PARA HIV/AIDS, HEPATITES VIRAIS E OUTRAS IST ENTRE GRADUANDOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

O(a) sr(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa intitulada "Conhecimento, atitudes e práticas de risco para HIV/AIDS, hepatites virais e outras IST entre graduandos da Universidade Federal de Sergipe", sob responsabilidade dos professores Dr. Márcio Bezerra Santos e Dr. Marco Aurélio de Oliveira Goes, cujo o principal objetivo é avaliar os indicadores referentes ao conhecimento, às atitudes e às práticas de risco sobre HIV/Aids, Hepatites Virais e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) entre graduandos da Universidade Federal de Sergipe-UFS.

Destacamos que neste questionário não há nenhuma pergunta que seja possível identificar o participante, garantido sigilo total dos dados, e todas as informações são confidenciais e serão unicamente de uso dos autores do projeto.

Este estudo proporcionará a compreensão do real conhecimento dos graduandos da UFS acerca do HIV/Aids, das Hepatites Virais e demais IST. Além disso, permitirá compreender as atitudes e práticas de risco nesse grupo. Os resultados da Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas (PCAP) vêm sendo de grande valor para subsidiar a formulação de políticas públicas para o planejamento e desenvolvimento de ações efetivas e práticas para o enfrentamento do HIV/Aids, das hepatites virais e das IST em Sergipe.

As informações serão coletadas por meio de questionário online dividido em etapas: dados sociodemográficos e acadêmicos, conhecimentos sobre HIV/Aids, Hepatites Virais e IST, comportamento e práticas de risco e prevenção e testagem. Este projeto proporcionará a compreensão do real conhecimento dos graduandos da UFS acerca do HIV/Aids, das Hepatites Virais e demais IST. Além disso, permitirá compreender as atitudes e práticas de risco nesse grupo.

Os participantes têm a garantia que receberão respostas a qualquer pergunta e esclarecimento de qualquer dúvida quanto aos assuntos relacionados à pesquisa. Também os pesquisadores supracitados assumem o compromisso de proporcionar informações atualizadas obtidas durante a realização do estudo. O voluntário tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, não acarretando nenhum dano ao voluntário. Está legalmente elaborado de acordo com as diretrizes e normas regulamentadas de pesquisa envolvendo seres humanos atende à Resolução no 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério de Saúde - Brasília – DF. Os voluntários terão direito à total privacidade e é ressaltado que os únicos dados pessoais que serão coletados serão a idade, curso, campus e ciclo/ano que o estudante se encontra. Não há nenhuma pergunta que seja possível identificar o participante e todas as informações são confidenciais e serão unicamente de uso dos autores do projeto em questão para os fins supracitados, portanto, fica garantida a

manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa.

Estou a par de que a pesquisa apresenta uma mínima possibilidade de constrangimento ao ser respondido, é possível que a pesquisa ofereça alguns tipos de riscos que, no geral são classificados como baixo risco de origem psicológica, intelectual e emocional. Não há danos previsíveis decorrentes da pesquisa, mesmo assim fica prevista indenização, caso se faça necessário. Os resultados/benefícios resultantes desta pesquisa poderão ser divulgados na forma escrita através de publicações de artigos científicos, em plataformas digitais, sob a forma oral através de apresentações em congressos, entrevistas e afins, garantindo assim o retorno social para os participantes da pesquisa conforme a Resolução CNS nº 466/12, itens III.1.1 e III.1.n e Resolução CNS nº 510/16, Art. 10º.

A participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em casos de dúvida quanto aos seus direitos ou sobre a ética da pesquisa, pode entrar em contato com os responsáveis pela pesquisa: Prof. Dr. Márcio Bezerra Santos, e-mail: marciobezerra.ufs@outlook.com e Prof. Dr. Marco Aurelio de Oliveira Goes, e-mail: maogoes@gmail.com.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO COMO VOLUNTÁRIO(A) DA PESQUISA

Após clicar no botão “aceito os termos”, eu concordo em participar do estudo “Conhecimento, atitudes e práticas de risco para HIV/AIDS, hepatites virais e outras IST entre graduandos da Universidade Federal de Sergipe”, sob responsabilidade de Márcio Bezerra Santos e Marco Aurélio de Oliveira Goes, os objetivos, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Sugere-se que o preenchimento deste questionário seja realizado em um ambiente reservado e confortável. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para os propósitos acima descritos. Além de ter sido garantido o sigilo e o anonimato dos meus dados, fui informado(a) que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

- 1) Aceito os termos e declaro ter entendido a importância da minha colaboração e satisfeito com as explicações concordo em participar da pesquisa citada acima
- 2) Não aceito participar da pesquisa

ANEXO I**Questionário PCAP/Ministério da Saúde do Brasil**

- 1-Genêro:
- 2- Orientação sexual:
- 3- Qual sua idade?
- 4- Curso:
- 5- Qual Campus estuda?
- 6- Ciclo/Ano de curso
- 7- Natural de qual estado?
- 8-Qual o seu estado conjugal?
- 9- Qual foi o curso mais elevado que o/a chefe de sua família completou? Anos de estudo.
- 10- Renda mensal:
- 11-Como você classifica sua cor?
- 12-Você tem acesso a internet?
- 13-Gostaria de saber qual ou quais doenças uma pessoa pode ser infectada por meio de alimentos ou de água contaminada?
- 14-E, qual ou quais das doenças uma pessoa pode ser infectada ao usar banheiros públicos?
- 15-E, para qual ou quais doenças uma pessoa pode ser infectada compartilhando escova de dente?
- 16-E, qual ou quais das doenças uma pessoa pode ser infectada ao compartilhar com outras pessoas instrumentos para o uso de drogas, tais como seringa, agulha, cachimbo, latinha, canudo, etc.?
- 17-E qual ou quais das doenças uma pessoa pode ser infectada ao não usar preservativos em relações sexuais?
- 18- E, para qual ou quais doenças uma pessoa pode ser infectada compartilhando os instrumentos de manicure/pedicure (alicate de unha, lixa, espátula, etc.)?
- 19-E, para qual ou quais doenças uma pessoa pode ser infectada fazendo tatuagem ou colocando piercieng?
- 20-E, para qual ou quais doenças uma pessoa pode ser infectada fazendo tratamento dentário, endoscopia ou hemodiálise?
- 21-E, qual ou quais tipos de hepatites uma pessoa pode ser infectada por meio de alimentos ou de água contaminada?
- 22- E, qual ou quais tipos de hepatites uma pessoa pode ser infectada ao compartilhar com outras pessoas instrumentos para o uso de drogas, tais como seringa, agulha, cachimbo, latinha, canudo, etc.?
- 23- E, qual ou quais tipos de hepatites uma pessoa pode ser infectada compartilhando escova de dente?
- 24-E, qual ou quais tipos de hepatites uma pessoa pode ser infectada ao não usar preservativos em relaçõessexuais?
- 25-E, qual ou quais tipos de hepatites uma pessoa pode ser infectada compartilhando os instrumentos demanicle/pedicure (alicate de unha, lixa, espátula, etc.)?
- 26-E, qual ou quais tipos de hepatites uma pessoa pode ser infectada fazendo tratamento dentário, endoscopia ou hemodiálise?
- 27- E, qual ou quais tipos de hepatites uma pessoa pode ser infectada fazendo tatuagem ou colocando piercieng?

- 28- Uma pessoa pode ser infectada pelo vírus da hepatite B, C ou D compartilhando lâminas de barbear ou de depilar.
- 29- Uma pessoa pode ser infectada pelo vírus da hepatite B, C ou D ao realizar qualquer cirurgia.
- 30- Uma pessoa pode ser infectada pelo vírus da hepatite B, C ou D ao realizar qualquer cirurgia.
- 31- O risco de transmissão do vírus da aids pode ser reduzido, se uma pessoa tiver relações sexuais somente com parceiro fiel e não infectado.
- 32- Uma pessoa com aparência saudável pode estar infectada pelo vírus da aids.
- 33- Usar preservativo é a melhor maneira de evitar que o vírus da aids não seja transmitido durante a relação sexual.
- 34- Uma pessoa pode ser infectada com o vírus da aids compartilhando talheres, copos, ou refeições.
- 35- Uma mulher grávida que esteja com o vírus da aids e recebe um tratamento específico durante a gravidez e no momento do parto, diminui o risco de passar o vírus da aids para o seu filho.
- 36- Existe cura para a aids.
- 37- Uma pessoa que está tomando medicamento para aids tem menos risco de transmitir o vírus da aids para outra pessoa.
- 38- Aids é uma doença crônica, possível de ser controlada.
- 39- Você já fez o teste para aids alguma vez na vida?
- 40- Você fez o teste para aids nos últimos 12 meses?
- 41- Quantas vezes você fez o teste para aids nos últimos 12 meses?
- 42- Você já fez um teste rápido de AIDS cujo resultado sai na hora?
- 43- Você já tomou vacina para o HPV?
- 44- “Se você soubesse que há uma criança com aids na escola de seu filho, você continuaria a mandar seu filho a esta escola”.
- 45- “Se você soubesse que alguém que trabalha vendendo legumes e verduras está com o vírus da aids, você continuaria comprando esses alimentos dessa pessoa”.
- 46- “Se uma professora tem o vírus da aids, mas não está doente, ela pode continuar a dar aulas em qualquer escola”.
- 47- Você sabe se alguém próximo a você (parente, amigo ou colega) está infectado pelo vírus da aids ou morreu de aids?
- 48- Como você avalia o seu risco de se infectar com o vírus da aids?
- 49- Você sabe de algum serviço de saúde onde o teste de aids é feito gratuitamente?
- 50- Você sabe de algum serviço de saúde onde o teste de aids é feito gratuitamente?
- 51- Você já fez o teste de hepatite alguma vez na vida?
- 52- Para qual ou quais tipos de hepatites você fez o teste?
- 53- Você fez teste de hepatite nos últimos 12 meses?
- 54- Ainda com relação ao seu último teste de hepatite, você sabe o resultado?
- 55- Você sabe de algum serviço de saúde onde os testes de hepatites B e/ou C são feitos gratuitamente?
- 56- Você usou camisinha na sua primeira relação sexual?
- 57- Você já teve mais do que um parceiro sexual em toda sua vida?
- 58- Você já teve mais do que 10 parceiros sexuais em toda sua vida?
- 59- Você já teve relação sexual com pessoa do mesmo sexo que o seu alguma vez na vida?
- 60- Atualmente, de uma maneira geral, você tem relações sexuais com homens e com mulheres?
- 61- Você teve relações sexuais nos últimos 12 meses?
- 62- Você teve relações sexuais com mais de um parceiro sexual nos últimos 12 meses?

- 63-Pensando na sua última relação sexual vocês usaram camisinha?
- 64-Você teve relação sexual com parceiros (as) fixos (as), ou seja, namorado (a), noiva(o), esposa, companheiro (a), etc., nos últimos 12 meses?
- 64-Nas relações sexuais que você teve com esses parceiros (as) fixos (as), vocês usaram camisinha?
- 65-Vocês usaram camisinha em todas as vezes?
- 66-Você teve relação sexual com parceiros (as) casuais, ou seja, paqueras, “ficantes”, rolos, etc., nos últimos 12 meses?
- 67-Você teve mais do que cinco parceiros (as) sexuais casuais, ou seja, paqueras, “ficantes”, rolos, etc., nos últimos 12 meses?
- 68-Nas relações sexuais que você teve com estes parceiros (as) casuais, ou seja, paqueras, “ficantes”, rolos, etc. vocês usaram camisinha?
- 69-Vocês usaram camisinha em todas as vezes?
- 70-Desses parceiros casuais, nos últimos 12 meses, você recebeu dinheiro em troca de sexo de algum deles?
- 71-Vocês usaram camisinha nas relações sexuais que você recebeu dinheiro em troca de sexo, nos últimos 12 meses?
- 72-Ainda pensando nos últimos 12 meses, você pagou alguma pessoa para ter sexo?
- 73-Você usou camisinha nas relações sexuais que você teve com esses parceiros (as) que você pagou para ter sexo?
- 74-Você já teve relações sexuais com pessoas que conheceu pela internet?
- 75-Na última relação sexual que teve com essas pessoas que conheceu pela internet você usou camisinha?
- 76-Você já teve relação sexual usando preservativo feminino (você ou a parceira)?
- 77-Você conhece lubrificantes íntimos, mesmo que só de ouvir falar?
- 78-Nas relações sexuais, para uma lubrificação extra, você usa lubrificantes íntimos:
- 79-Você concorda com a seguinte afirmação: “o uso de álcool ou drogas pode fazer com que as pessoas transem sem usar camisinha”?
- 80-Iso já aconteceu com você?
- 81-Alguma vez em sua vida você já tomou bebida alcoólica?
- 82-Você bebe atualmente?
- 83-Alguma vez em sua vida você já fumou maconha?
- 84-Você fuma maconha atualmente?
- 85-Alguma vez em sua vida você já usou anfetamina (são drogas estimulantes como bolinhas, rebites, medicamentos para emagrecer, ritalina, modafinil, ecstasy, etc.)?
- 86-Você usa anfetamina atualmente?
- 87-Alguma vez em sua vida você já usou crack?
- 88-Você usa crack atualmente?
- 89-Alguma vez em sua vida você já cheirou cocaína em pó?
- 90-Você cheira cocaína atualmente?
- 91-Alguma vez em sua vida você já usou cocaína injetada?
- 92-Você já se injetou com seringa/agulha que havia sido usada antes por outra pessoa?
- 93-Você usa cocaína injetável atualmente?
- 94--Já foi diagnosticado para alguma das doenças abaixo?
- 95-Fez ou faz tratamento?



UFS - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EPIDEMIOLOGIA DA INFECÇÃO PELO HIV EM SERGIPE

Pesquisador: MARCO AURÉLIO DE OLIVEIRA GÓES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 34254520.2.0000.5546

Instituição Proponente: Universidade Federal de Sergipe Campus Lagarto - Departamento de

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.576.444

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo "Informações Básicas da Pesquisa" (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1584102.pdf) e do "Projeto Detalhado / Brochura Investigador" (ProjetoCEP.pdf), postados em 13/02/2021 e 13/02/2021 respectivamente.

VERSÃO_2

Introdução:

O controle da infecção pelo HIV/Aids continua sendo uma grande preocupação mundial e novas tecnologias de prevenção têm sido estudadas e aplicadas. Existem aproximadamente 37,9 (32,7 – 44,0) milhões de pessoas vivendo com HIV/Aids (PVHA) no mundo. A Organização das Nações Unidas (ONU) vem discutindo sistematicamente estratégias para o enfrentamento da epidemia que englobam ações de prevenção, diagnóstico e tratamento, além das questões vinculadas aos direitos humanos como estigma, preconceito e discriminação (WHO, 2019). Nas últimas décadas, a epidemia de Aids tem passado por importantes transformações, incluindo o fato de termos várias epidemias dentro de um mesmo território. No Brasil, em 2018, foram diagnosticados 43.941 novos casos de HIV e 37.161 casos de Aids, com uma taxa de detecção de 17,8/100.000 habitantes. Desde 2012, observa-se uma diminuição na taxa de detecção de Aids no Brasil, apresentando um decréscimo de 16,8%. A taxa de mortalidade por Aids também tem caído, apresentando decréscimo de 22,8% entre 2014 e 2018. Essas quedas têm sido atribuídas entre

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

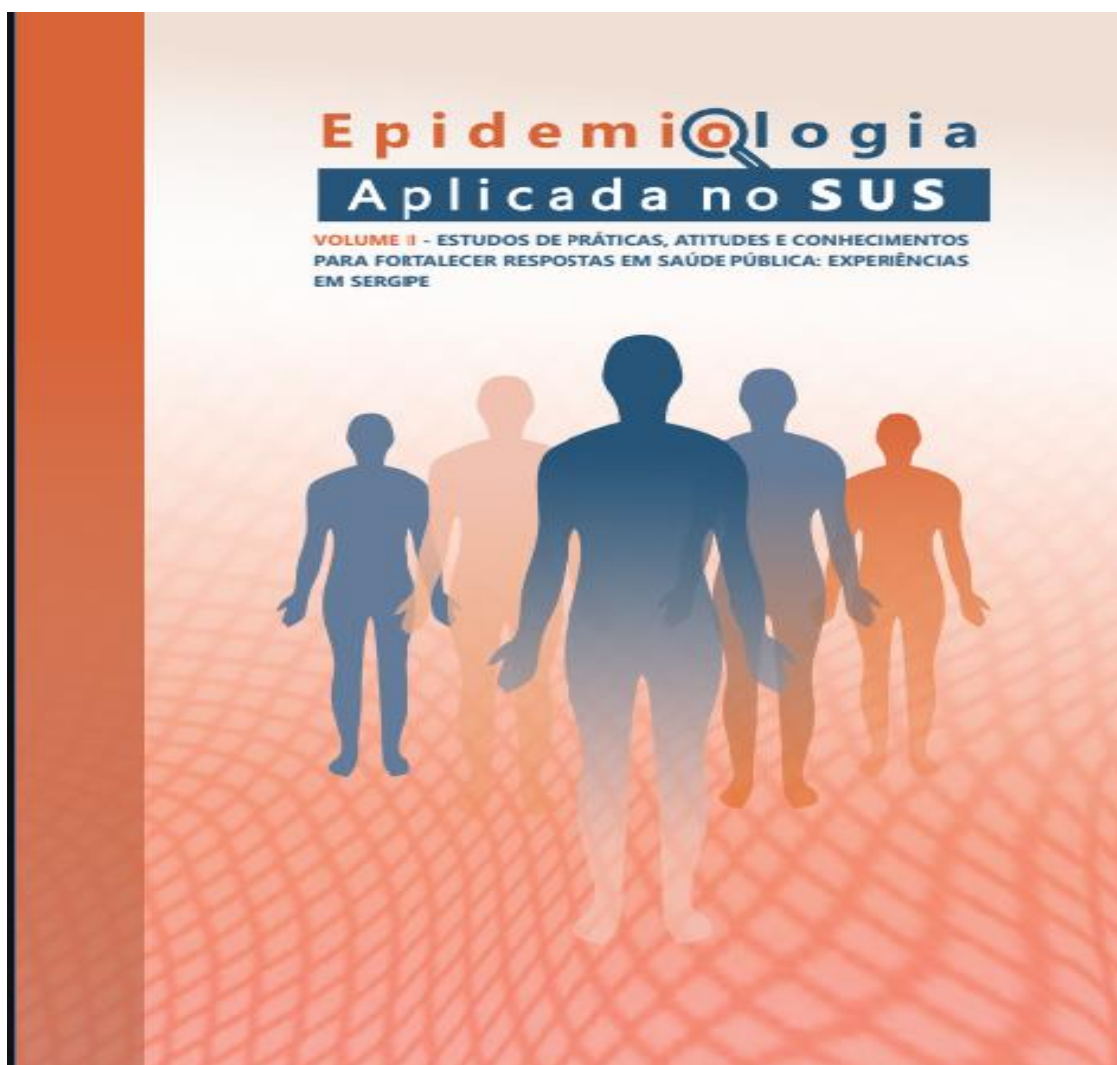
CEP: 49.060-110

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)3194-7208

E-mail: cephu@ufs.br



CAPÍTULO I

Conhecimentos, atitudes e práticas em relação às infecções sexualmente transmissíveis em universitários do estado de Sergipe

Allan Dantas dos Santos (a,b,c), Beatriz Santos Pereira (b,c), Danilo de Gois Souza (b,c),
Jean de Jesus do Carmo (d), José Yuri Silva Santos (a), Lucas Almeida Andrade (b,e),
 Luís Ricardo Santos de Melo (b,f), Márcio Bezerra dos Santos (b,e,g),
 Marco Aurélio de Oliveira Góes (b,c,h,i,j), Thiago de Jesus Santos (b,c),
 Vinícius Barbosa dos Santos Sales (d), Welde Natan Borges de Santana (l)
 e Ygor Ribeiro Siqueira (d).

- a) Dep. de Enfermagem, UFS, Lagarto, SE, Brasil.
- b) NISC, UFS, Aracaju, SE, Brasil.
- c) PPGEN, UFS, Aracaju, SE, Brasil.
- d) Dep. de Medicina, UFS, Lagarto, SE, Brasil.
- e) PPGCS, UFS, Aracaju, SE, Brasil.
- f) Dep. de Enfermagem, UFS, Aracaju, SE, Brasil.
- g) Complexo de Ciências Médicas, UFAL, Arapiraca, SE, Brasil.
- h) Dep. de Medicina, UFS, Aracaju, SE, Brasil.
- i) PPGCAS, UFS, Lagarto, SE, Brasil.
- j) Diretoria de Vigilância em Saúde, SES, SE, Brasil.
- l) PROBP, UFS, Aracaju, SE, Brasil.